

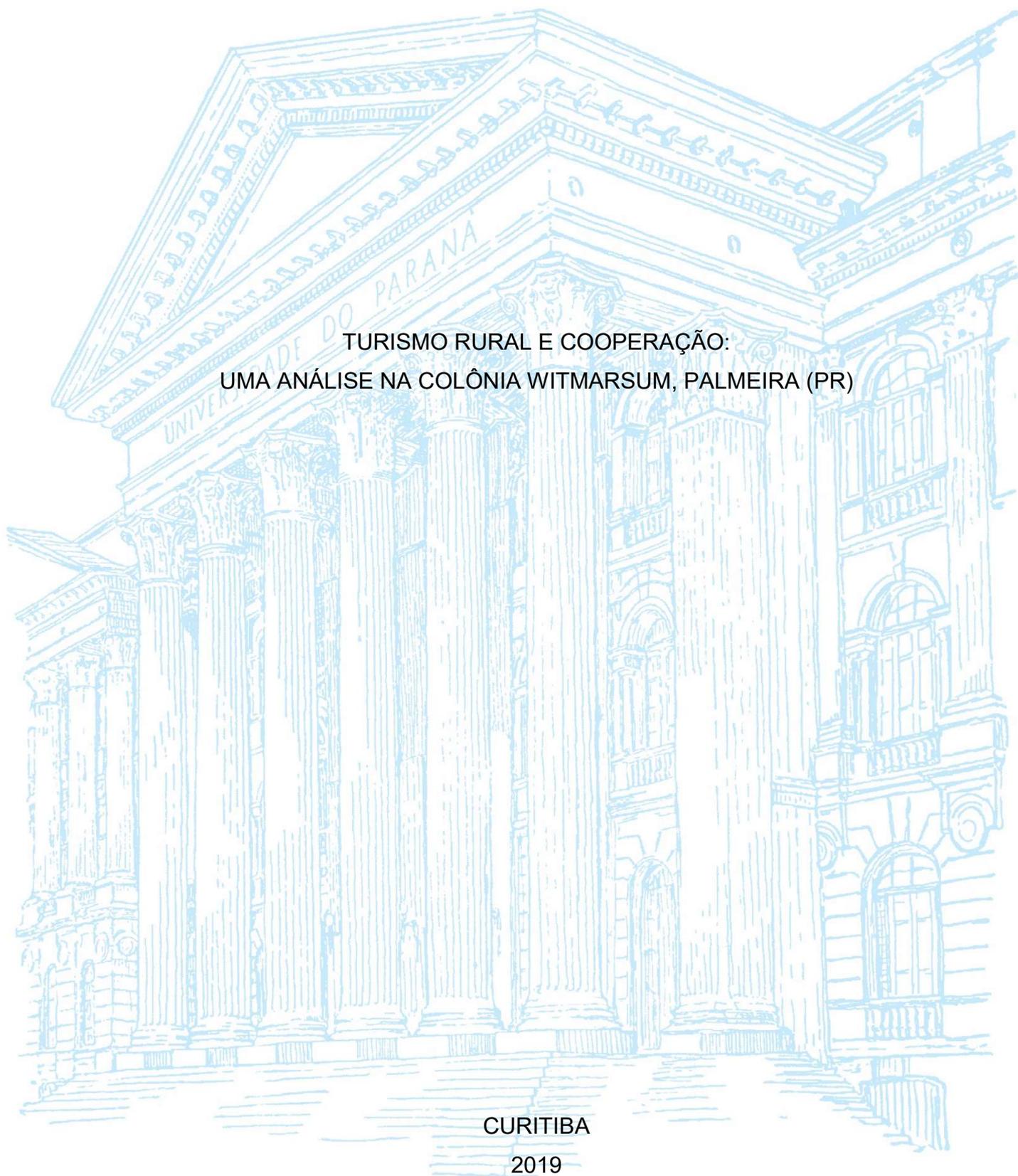
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL VITOR CARNIO TELEGINSKI

TURISMO RURAL E COOPERAÇÃO:
UMA ANÁLISE NA COLÔNIA WITMARSUM, PALMEIRA (PR)

CURITIBA

2019



GABRIEL VITOR CARNIO TELEGINSKI

TURISMO RURAL E COOPERAÇÃO:
UMA ANÁLISE NA COLÔNIA WITMARSUM, PALMEIRA (PR)

Projeto de Planejamento e Gestão de Turismo apresentado ao curso de Bacharelado em Turismo, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Martins Augusto Gomes

CURITIBA

2019

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida de alguma forma neste ano. Primeiramente, à minha família, razão por eu estar aqui todos os dias. Principalmente a meus pais, Raphael e Simone, por toda educação que me deram, mesmo com todas as dificuldades que enfrentaram; meus irmãos, Gabrielly, Julia e Guilherme e minha avó Sereni, que me faz querer ser um homem melhor. Faço uma menção ao meu tio José, que infelizmente nos deixou este ano.

No campo acadêmico, agradeço ao meu orientador Bruno, pois sem ele esse projeto não seria possível e por ser a pessoa que me fez continuar na universidade. À Universidade Federal do Paraná, por me proporcionar tantas viagens e por me dar a oportunidade de abrir a mente para o mundo. A todos os professores que passaram pela minha vida, dos quais destaco as professoras Graciela, Andreza e Ana Paula, que me fizeram ter gosto pela leitura.

No âmbito profissional, agradeço aos meus amigos Nathália, Fernanda, Greyse, Paola e Guilherme, que acompanharam meu esforço no dia a dia para conciliar a profissão com o estudo. E aos amigos que fiz este ano e que também acompanharam minha dedicação, Anna, Fran, Ianan, Marcílio, Millena, Queison e Vitória.

Por fim, agradeço principalmente aos amigos que me ajudaram diretamente com esse projeto, Yasminn, Gustavo, Tiago, Silvia, Malu, Lorena. E a todas as pessoas que fizeram parte disso de alguma forma, mas por esquecimento eu não citei aqui, minha eterna gratidão.

Ao final desse trabalho, me sinto realizado e, de certa forma, visualizo mais uma etapa de minha vida sendo concluída. Acredito que há alguém olhando por mim por todo esse trajeto, o que me faz ter mais esperança e serenidade para enfrentar cada ciclo que está por vir.

Cada dia é uma chance para ser melhor que ontem...

Through every dark night, there's a bright day after that.

Tupac Amaru Shakur

RESUMO

A Colônia Witmarsum, localizada no município de Palmeira, na microrregião de Ponta Grossa, é o objeto de estudo dessa pesquisa. Fundada em 1951 por imigrantes alemães de religião menonita, está situada na antiga Fazenda Cancela e tem sua organização social regida principalmente pela Cooperativa Witmarsum, empreendimento que coordenada a produção de leites e derivados. A economia de Witmarsum esteve baseada na agropecuária por muitos anos até que, no final da década de 1990, passou por uma crise no agronegócio que fez os moradores procurarem uma fonte de renda alternativa. Dessa forma surgiu o turismo rural na Colônia, baseado nas particularidades histórico-culturais do local, atraindo um fluxo crescente de visitantes. O intuito dessa pesquisa foi avaliar o êxito da atividade turística da Colônia Witmarsum e compreender a influência do sistema cooperativo para que o turismo ocorresse de maneira ordenada e rentável no destino. De caráter exploratório, o estudo procurou aprofundar-se nesse tema pouco difundido. As entrevistas realizadas averiguaram que a cooperação foi uma importante ferramenta de manutenção da comunidade, mas de alguma forma, com a crescente da atividade turística, tem se perdido aos poucos. Sendo assim, foi proposto um projeto de capacitação para retomar e fomentar a cooperação entre os diferentes empreendimentos, visando replicar esse modelo em outros locais que também praticam o turismo rural.

Palavras-chave: Cooperação, turismo rural, Colônia Witmarsum.

ABSTRACT

The Colônia Witmarsum, located at the city of Palmeira, at the micro region of Ponta Grossa, is the object of study in this research. Founded in 1951 by german immigrants of mennonite religion, is situated in the old Fazenda Cancela and have its social organization governed principally by Cooperativa Witmarsum, enterprise who coordinate the production of milk and derivatives. The economy of Witmarsum was based on agropecuary for many years until, in the late 90's, passed by an agribusiness crisis which made the residents look for an alternative income source. By this way, the rural tourism came out in the Colônia, based on particularities historical and cultural of the place, attracting a crescent flow of visitors. The intent of this research was evaluate the sucess of the tourist activity of Colônia Witmarsum and understand the influence of the cooperative system to help tourism occur in an orderly and profitable manner at destination. By exploratory nature, the study sought to deepen in this theme poorly widespread. The interviews conducted ascertained that the cooperation was na important tool of community maintenance, but, somehow, with the crescently of tourist activity, has been gradually lost. Therefore, a training project was proposed to retake and fomente the cooperation between different enterprises, looking for replicate this model in other places that also practice the rural tourism.

Key-words: Cooperation, rural tourism, Colônia Witmarsum.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESQUEMA DE ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....	37
FIGURA 2 – COOPERATIVA WITMARSUM.....	40
FIGURA 3 – MAPA DA COLÔNIA WITMARSUM	41

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DILEMA DO PRISIONEIRO ITERADO.....	18
QUADRO 2 – PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO	24
QUADRO 3 – GRUPO DE EMPREENDIMENTOS RURAIS E TURÍSTICOS.....	26
QUADRO 4 – TIPOLOGIAS NO CONTEXTO DO TURISMO RURAL.....	27
QUADRO 5 – ESTABELECIMENTOS DE WITMARSUM.....	33
QUADRO 6 – VARIÁVEIS PARA ANÁLISE.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

TAR	- Turismo em Áreas Rurais
TER	- Turismo no Espaço Rural
TMR	- Turismo no Meio Rural
TR	- Turismo Rural
TRAF	- Turismo Rural na Agricultura Familiar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO.....	13
2.1.1	Hábitos de cooperação.....	16
2.1.2	Cooperativismo.....	21
2.2	TURISMO RURAL.....	25
2.2.1	Cooperação e turismo rural	28
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
3.1	ANÁLISE DOS DADOS	35
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	39
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	39
4.2	INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	42
5	PROJETO DE TURISMO	50
5.1	DESCRIÇÃO DO PROJETO	50
5.2	ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	51
5.2.1	Descrição das etapas para a execução do projeto.....	51
5.2.2	Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa	54
5.2.3	Descrição do orçamento e dos desembolsos por etapa	55
5.2.4	Avaliação do retorno do investimento.....	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS.....	58
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA EMPREENDEDORES.....	64
	APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA GESTOR.....	67

1 INTRODUÇÃO

O objeto desse estudo é a Colônia Witmarsum, localizada no município de Palmeira, no Paraná. Essa comunidade foi idealizada em 1951, por imigrantes alemães de religião menonita (MAYER, 2014). Eles fundaram uma cooperativa que, atualmente, movimenta cerca de cem milhões de reais por ano (SISTEMA OCEPAR, 2016). A principal atividade dessa organização é a produção de leite e derivados, contudo, o turismo rural emergiu de certa forma que diversos moradores passaram a dedicar-se, dentre outros, a estabelecimentos no ramo de hospedagem e alimentação, com ênfase para os cafés coloniais (EBERSPÄCHER, 2017).

Logo, estudar o caso de Witmarsum mostra-se relevante no atual contexto do turismo, visto que a Colônia tem forte apelo cultural e histórico, embasado em tradições ortodoxas e pela presença do cooperativismo e, de acordo com Nardelli, Strapasson e Brambatti (2016) é uma localidade que não sofreu descaracterização identitária, muito devido ao engajamento dos moradores.

Dessa forma, fica mais notável a importância de investigações acerca da contribuição da cooperação para o turismo rural no contexto de Witmarsum, bem como a compreensão dos hábitos instituídos na Colônia que contribuíram para que o destino gozasse de certo destaque no turismo. Em contrapartida, a partir de uma pesquisa realizada nos portais Google Acadêmico, Publicações de Turismo, Periódicos Capes e Scopus, constatou-se poucas pesquisas que correlacionem a temática “turismo” e “Witmarsum”, tendo oito publicações que abordam diretamente o tema, com destaque para a contribuição de Soares (2017). Já em relação aos temas “cooperação” e “turismo rural”, as pesquisas resultam em resultados expressivos, porém com apenas onze artigos disponibilizados no site Publicações de Turismo, onde a busca é direcionada para o turismo.

A cooperação é importante ferramenta de propulsão do desenvolvimento econômico no contexto atual das sociedades contemporâneas. As instituições têm reconhecido cada vez mais a necessidade de promover uma interação e cooperação entre os agentes econômicos e políticos (GOMES, 2015). Axelrod (2010) entende a cooperação como um ato de reciprocidade, mas que está condicionado a probabilidade dos indivíduos em questão se encontrarem uma ou mais vezes no futuro.

De todo modo, o ato de cooperar se mostra peça-chave do desenvolvimento econômico na sociedade capitalista, e vem sendo implementado desde a época que sucedeu a Revolução Industrial, com o surgimento do cooperativismo (SINGER, 2002). Na atividade turística não é diferente. Segundo Mielke e Silva (2017) é difícil que qualquer processo de desenvolvimento se dê em determinada localidade turística sem a devida cooperação entre atores sociais e membros da comunidade.

Por outro lado, o turismo também pode ser uma influência externa que dificulta o processo de cooperação, conforme exposto por Soares (2017) ao tratar de Witmarsum. Por isso, diante das características da pesquisa sobre cooperação e turismo rural e considerando as especificidades da Colônia Witmarsum surgem as seguintes indagações: Como o turismo rural influencia a cooperação em uma comunidade? Qual a origem da institucionalização da cooperação na Colônia Witmarsum? Quais as características do turismo local? Como é a interação entre os agentes envolvidos com o turismo rural?

Para responder essas questões a presente pesquisa tem o objetivo de analisar os efeitos do turismo rural para a cooperação comunitária na Colônia Witmarsum para assim propor um projeto que auxilie a comunidade na compreensão da importância da cooperação para o turismo local. Mais especificamente, busca-se: elaborar um marco teórico que sustente a análise da relação entre cooperação e turismo; caracterizar o turismo na Colônia Witmarsum; identificar os hábitos coletivos relacionados à cooperação presentes entre os agentes locais que atuam com o turismo; apresentar um projeto que contribua para o aperfeiçoamento das práticas ligadas ao turismo rural a partir da cooperação.

Para chegar às definições e resultados às questões levantadas, estabeleceu-se um referencial teórico para cumprir esses objetivos, que será apresentado a seguir, com os capítulos Cooperação e Turismo Rural, subdividido em quatro tópicos: solidariedade como princípio da cooperação; cooperativismo; hábitos de cooperação; cooperação e turismo rural. Em seguida, descreverá os procedimentos metodológicos, que consistiram em uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório e a coleta e análise dos dados, baseada no esquema de análise de conteúdo desenvolvido por Bardin (1977). Por fim, é apresentado o projeto de turismo e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao analisar a produção científica sobre “cooperação” e “turismo rural” no Google Acadêmico, há 5.970 resultados, enquanto no portal Periódicos Capes estão disponíveis 168 resultados, no Scopus 23 documentos e no site Publicações de Turismo foram obtidos 11 resultados. Tais análises permitem concluir que a cooperação é importante para atividade turística no contexto brasileiro, especialmente se tratando do âmbito rural. Temas esses que serão abordados nas seções seguintes.

2.1 SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO

Essa seção abordará o que pode significar e o que abrange essa “autonomia” de cada indivíduo sob a ótica, principalmente, de Fábio Konder Comparato (2006), que traz os princípios fundamentais para a cooperação. Dessa forma, o intuito é compreender de que modo a solidariedade, um dos princípios éticos elencados por Comparato – aquele que urge da boa vontade –, ajuda a traçar os caminhos que levam à cooperação como ato definitivo de bondade e esperança para uma vida em sociedade mais digna.

Patrus, Dantas e Shigaki (2015) ensinam que o substantivo “solidariedade” deriva do latim “*solidus*”, que significa sólido e originou o verbo “consolidar” (do latim “*solidescere*”). Consolidar encontra raízes no francês “*solidarité*”, que pode ser traduzido como “responsabilidade mútua”. Explorando esse ponto de vista, Garrafa e Soares (2013) descrevem a solidariedade, entre outras formas, como um compromisso entre seres humanos que se ajudam uns aos outros.

Por meio desse ponto de partida, podemos entender que quem age de maneira solidária encontra um benefício moral em suas ações, como se a cooperação consolidasse um entendimento moral de justiça e ética individual. Harari (2015) defende que estranhos só cooperam entre si mediante ordens imaginadas, mitos compartilhados em seu imaginário. Assim, pode-se entender a “moral” como um imaginário criado para reafirmar um contexto de bondade, uma vez que, ainda segundo o autor, essas ordens imaginadas não se restringem somente às crenças religiosas. Harari (2015) complementa que essas ordens imaginadas podem ser uma crença em leis, ou nas instituições, convenções sociais, como o dinheiro ou a bolsa de valores.

Para ilustrar essa contextualização, Harari (2015), em sua obra “Sapiens: uma breve história da humanidade” exemplifica com o caso da Peugeot, montadora de automóveis francesa. O escritor relata que a Peugeot SA nada mais é que um fruto da imaginação coletiva, afirmando que, ainda que todos os carros da empresa fossem destruídos ao mesmo tempo, a Peugeot continuaria existindo. Ainda que todos os funcionários da empresa falecessem ao mesmo tempo, a instituição continuaria existindo.

Assim, entendendo a cooperação como uma instituição vinculada ao princípio moral da solidariedade, o ser humano que coopera com viés unicamente altruísta, está seguindo um contexto de imaginação coletiva segundo o qual fazer o bem seria a construção e manutenção de princípios éticos que tornam atitudes decorrentes de tais, de certa forma, edificantes.

Torronteguy (2010) destaca que, como as regras, os princípios éticos também são normas e têm um peso significativo na vida em sociedade, atentando para a imprescindibilidade de compreender a solidariedade como um princípio ético, antes de partir para a observação através das lentes da cooperação.

O autor Comparato (2006) expõe que os princípios éticos são compostos por alguns pilares: verdade, justiça e amor, seguidos por liberdade, igualdade, segurança e solidariedade. A verdade, na compreensão de Comparato (2006), é o que blinda o indivíduo de tornar-se um mero fantoche para um determinado fim. É o que permite uma vida digna e livre de amarras, de uma forma que o cumprimento da veracidade das ações resulte em resultados limpos (TORRONTÉGUY, 2010).

Já no âmbito da justiça, Comparato (2006) demonstra preocupação com que esta seja igualitária. É de extrema importância, para o autor, que aqueles que têm menos, recebam mais, caso contrário, a desigualdade social será constantemente perpetuada. Logo, a justiça não pode ser tão-só uma repartição igualitária, pois a vida social não é milimetricamente igualitária: diferentes pessoas, regiões e grupos apresentam diferentes níveis de poder aquisitivo, condições culturais, de aprendizado e até mesmo de estrutura familiar (COMPARATO, 2006). O escritor conclui que, para que todos tenham dignidade de fato, também no campo da justiça, é necessário considerar as diferenças.

Agora, o amor, é um contraste à justiça (COMPARATO, 2006). Na medida que a justiça difunde uma interminável separação do que pertence a cada um, o amor constitui-se em uma completa doação, na concepção do autor. Assim, o amor guarda

a função de fiscalizar a justiça incessantemente, em prol de torná-la mais solidária, natural e empática. Nesta obra, esse sentimento, tomado por princípio, tem uma conotação notória de empatia, de entrega para o outro e para si mesmo. Por sua vez, essa preocupação em doar-se ao próximo faz com que a justiça coloque na balança as necessidades e precisão de cada pessoa individualmente.

Torronteguy (2010) afirma que essas definições colaboram para que todas as relações sejam mais solidárias, contribuindo para e, ao mesmo tempo, clamando pela solidariedade como uma forma de ação. Para que a dignidade seja possível ao indivíduo, outras premissas são requisitadas: liberdade, igualdade, segurança e, por fim, a solidariedade.

De acordo com Comparato (2006) na Antiguidade, a liberdade era um conceito mais engessado, tido como uma permissão para participação na vida política da comunidade, algo que permitia ao cidadão tomar decisões e sentir-se parte do cenário local. Atualmente, conforme relata o autor, a liberdade é vista como uma válvula de escape às “garras” estatais, como uma forma do cidadão sentir-se atuante e livre para decidir sobre sua própria vida. Rousseau (2001) traz uma reflexão e uma discussão filosófica para as delimitações da liberdade, entendendo que a liberdade é parte do mecanismo para livrar o homem das ações do próprio homem.

Sob este ângulo, todos nascem livres e não cabe a um terceiro interceptar essa liberdade individual inapta. Ao abdicar da liberdade, o indivíduo abandona daquela qualidade que o faz um ser humano (ROUSSEAU, 2001). Desse modo, a alternativa para recobrar a liberdade perdida ao longo da sociedade seria a democracia, garantindo a liberdade para todos por meio do cumprimento das leis convencionadas socialmente.

Posto isso, Rousseau (2001) estabelece que, como o homem vive limitado dentro da sua própria liberdade e nenhum sujeito possui autoridade natural sobre outrem, a melhor maneira de tornar-se livre novamente seria entregar-se ao regimento de uma sociedade organizada por uma autoridade legítima do Estado. Fica designado ao poder público, então, estabelecer maneiras para que a liberdade de um não atinja à liberdade do próximo, criando uma legislação e garantindo que estas leis inseridas no contexto social sejam seguidas à risca.

Porém, muito embora a pretensão seja de colocar todos em um pé de igualdade, a realidade nos remete à desigualdade iminente, principalmente no tocante ao acesso à educação e em termos econômicos. Então, por vezes, a liberdade de

alguns acaba por resultar na pobreza de outros, ferindo os princípios da dignidade (TORRONTEGUY, 2010). Logo, Comparato (2006) faz um adendo ao pensamento de Rousseau, estabelecendo que a liberdade jamais é natural, mas algo construído pelo homem, sendo necessário políticas públicas para “tratar desigualmente os desiguais, na exata medida da desigualdade” (2006, p. 555).

Dessa maneira, a coexistência de liberdade e igualdade só é uma realidade possível no estratagema de Comparato por meio da segurança e da solidariedade. Remedio (2016) pontua que a segurança garante, com afincado, que as desigualdades sejam tratadas, por meio de cada indivíduo que cuida do seu semelhante e também da sociedade, como um todo, que zela pelos seus integrantes de uma maneira geral. Todo modo, fica sob a responsabilidade da solidariedade garantir que o excesso de segurança não prejudique os menos abastados e não arruine a construção gradativa dos princípios éticos (TORRONTEGUY, 2010).

A solidariedade reúne todos os outros princípios em proveito do bem comum, sendo a “cereja do bolo” dos princípios éticos (COMPARATO, 2006). Pozzati Junior (2015) e Remedio (2016) ressaltam que a solidariedade atua em esfera nacional, intergeracional e internacional, garantindo o respeito aos direitos humanos e das próximas gerações, operando políticas de combate à miséria, pobreza e desigualdade e, inclusive, no panorama jurídico.

A solidariedade é o querer ajudar ao próximo sem esperar benefícios decorrentes dessa ação, em um conceito majoritariamente altruísta. É, também, ajudar o semelhante menos favorecido, considerar o respeito e a empatia como norte e lemas de vida para um contexto social mais digno para todos.

2.1.1 Hábitos de cooperação

A cooperação é muitas vezes confundida com colaboração. Contudo, de acordo com Almeida e Silveira (2015), apesar destas palavras compartilharem o mesmo prefixo derivado do latim, “*coo*” – que significa “ação simultânea” –, elas se diferem em seu significado. De acordo com os autores, enquanto a colaboração insinua trabalho mútuo, do latim *laborare*, a cooperação remete ao ato de operar, fazer, refletindo uma certa hierarquia teórica.

Nas palavras de Pessali (2015), a expressão “cooperação” pode ser compreendida como indivíduos ou coletivos que agem de uma forma unificada,

visando um objetivo em comum, que pode ou não ser benéfico para todos os envolvidos. Ao longo dos anos, diversas correntes filosóficas e sociológicas tentaram explicar e desvendar esse fenômeno, sua origem na evolução da espécie humana e os motivos que levam os mais diversos seres e espécies a cooperarem, seja de maneira deliberada ou espontânea (OLIVEIRA, 2006).

A cooperação faz parte da evolução humana, segundo Harari (2015), sendo que o ato de colaborar com indivíduos da mesma espécie a título de sobrevivência está presente desde os ancestrais mais rudimentares do ser humano. Diferentes autores enxergam de variadas formas os motivos que desencadeiam a cooperação, resultando em algumas linhas de pensamento.

Há três grupos de raciocínios principais no que se refere ao entendimento e elucidação da cooperação como fenômeno social, conforme sintetizou Oliveira (2006). O primeiro acredita que são as normas sociais que influenciam o sujeito a cooperar, sob ameaça de punição mediante o não cumprimento destas. A segunda, que a interação entre o indivíduo e a sociedade acaba convergindo no ato cooperativo, como consequência desse contato e suas ramificações. Por fim, a última vertente crê que o ser humano tem certa autonomia, afirmando que as pessoas têm em mãos o poder de decidir se vão cooperar ou não, sendo estas decisões que impulsionam a vida em sociedade (e não o contrário).

Axelrod (2010) utilizou-se de um torneio, a que chamou de “Dilema do Prisioneiro Iterado”, para atestar quais as motivações que levam os indivíduos a cooperarem, como estes reagem frente às práticas cooperativas e como fazê-las possível num ambiente social onde o interesse pessoal prevalece ao grupal. O Dilema do Prisioneiro Iterado tem raízes no Dilema do Prisioneiro clássico, uma problemática na teoria dos jogos, pautada em uma conjunção ficcional onde dois sujeitos são presos pela polícia, de acordo com Sampaio (2016, p. 14):

A polícia isola os prisioneiros em salas separadas e oferece a ambos uma proposta de delação premiada para redução da pena a qual cada um provavelmente seria condenada (estimada, e. g., em 7 anos). Os prisioneiros não podem se comunicar e a redução na pena de cada um dependerá também do que o outro fizer. Cada prisioneiro pode delatar o outro (*defect*) ou permanecer calado, cooperando com o outro, portanto. Caso ambos cooperem (i.e., se caíem) os dois terão a pena reduzida em 4 anos; caso ambos delatem, os dois terão a pena reduzida em apenas 3 anos; caso apenas um delate, o acusado não terá nenhuma redução da pena enquanto o delator terá 7 anos de redução.

O Dilema do Prisioneiro Iterado contou com diversos participantes que podiam adotar diferentes estratégias de cooperação ou deserção e o Quadro 1 explica o sistema de recompensas do Dilema do Prisioneiro Iterado elaborado por Axelrod (2010). Se ambos decidem cooperar, cada um leva três pontos. Se ambos decidem deserdar, cada um leva um ponto. Se um coopera e o outro deserda, aquele que cooperou não ganha nenhum ponto e o que deserdou ganha cinco pontos.

QUADRO 1 - DILEMA DO PRISIONEIRO ITERADO

	Cooperação	Deserção
Cooperação	3 3	0 5
Deserção	5 0	1 1

FONTE: O autor baseado em Axelrod (2010)

Inúmeros fatos são constatados e reforçados para imprimir o que seria uma definição de atitudes cooperativas e porquê elas se originam. O autor colocou diversas pessoas para interagirem entre si, constatando que uma estratégia de reciprocidade era a que melhor funcionava, a que ele apelidou de *tit-for-tat*, o equivalente a “olho por olho”, inspirada na Lei de Talião (PESSALI, 2015). Essa estratégia consiste em começar cooperando e, depois, imitar as atitudes do adversário.

Esse experimento social deu margem à diversas constatações, como a que a evolução da cooperação depende da probabilidade dos indivíduos se encontrarem no futuro, para que exista uma vantagem em cooperar ou não (AXELROD, 2010). As pessoas entendem que trapacear ou ludibriar à outra é compensatório de acordo com a probabilidade de encontrá-la posteriormente. Perc et al. (2017) reafirmam esse pensamento, descrevendo que as pessoas até sacrificam seus interesses próprios em prol do bem coletivo, desde que haja uma rede de interação estruturada por trás.

Outro ponto interessante abordado por Axelrod (2010), e que segue na mesma linha de raciocínio, é que a base da cooperação não é a confiança, e sim quanto tempo vai durar o relacionamento. “O altruísmo não é necessário: estratégias de sucesso conseguem suscitar a cooperação, mesmo em um egoísta” (AXELROD, 2010, p. 161). Tal fato é constatado em comunidades pastoris na Mongólia que, respeitando antigo tratado, “fazem grandes deslocamentos coletivos pelas diferentes áreas, de acordo com as estações climáticas, para melhor alimentar os rebanhos” (PESSALI, 2015, p. 113).

Além disso, Axelrod (2010) explica que a cooperação pode desenvolver-se a partir de pequenos coletivos, onde indivíduos adotam esse padrão de ação com base na reciprocidade, gerando um ciclo vicioso. Dessa forma, a cooperação se resguarda de ações exteriores provocadas por um ambiente munido de uma estratégia não-cooperativa. Assim, Pessali (2015) reforça que esses pormenores geram benefícios ao grupo de cooperadores, blindando-os ante indivíduos externos e, por vezes, até prejudicando esses terceiros que não estão inseridos naquele recorte, naquela bolha e até mesmo contexto social.

De todo modo, os hábitos de cooperação podem ser observados em indivíduos da mesma espécie e até de espécies diferentes. Diferentes animais demonstram a importância e eficácia da cooperação. As formigas são o mais perfeito exemplo: esses insetos, considerados seres sociais, trabalham em conjunto para levar objetos muito mais pesados do que elas até seus retiros, os formigueiros, dividindo as mais diversificadas tarefas entre os membros da turma, como coletar alimentos, garantir a segurança do formigueiro, fazendo da cooperação o alicerce da sua reprodução e sobrevivência (AXELROD, 2010).

Outro inseto social bastante citado e exemplificado por Axelrod (2010) em sua obra acerca da cooperação é a abelha, descrita como um exemplo perfeito e bem-sucedido de hábitos cooperativos, onde os poderes e tarefas são divididos entre todas as habitantes da colmeia, tomando decisões e desempenhando ações através de estímulos sensoriais. Para que a cooperação funcione de fato, é necessário toda uma estrutura ordenada por trás, seja ela efetivamente pensada e arquitetada, ou não (PESSALI, 2015).

A cooperação é um ato manifestado em seres sociais, que têm a interação como primordial na convivência diária e constante. Esse é um dos principais motivos para a cooperação ser encontrada de maneira mais concisa em membros da mesma família, que demonstram um grau maior de afinidade (AXELROD, 2010). Nesse cenário, atos de altruísmo são observados com maior frequência e, de acordo com Pessali (2015), tal fato pode advir da nossa predisposição a cooperar com pessoas que nos pareçam confiáveis.

Da perspectiva da evolução biológica, o altruísmo pode ser exercido entre familiares, uma vez que, nas palavras de Axelrod (2010, p. 127): “Uma mãe que arrisca a própria vida para salvar alguns de seus descendentes, pode aumentar as chances de que cópias de seus genes sobrevivam”.

Assim, Pessali (2015) ressalta que nascemos com certa inclinação a cooperar, sem a necessidade de nenhuma recompensa por isso. Por outro lado, na vida em sociedade, Axelrod (2010) explica que o altruísmo pode até ocorrer com certa regularidade, contudo, enfrentará a problemática de deparar-se com os egoístas: pessoas que apenas se beneficiam de atos altruístas, não retribuindo tais atitudes. Há ainda os casos em que o altruísmo se relaciona à exploração.

Assim, recomenda-se que o altruísmo seja desempenhado apenas em favor de pessoas igualmente altruístas, para que a reciprocidade se mantenha como fundamento da cooperação (AXELROD, 2010). O autor ressalta que o altruísmo pode ser maléfico a quem o pratica apenas com boas intenções, pois, se a pessoa continuar agindo dessa maneira com pessoas que não agem da mesma forma, vai criar indivíduos que o autor caracteriza como “pirralhos mimados” e “um fardo sobre o restante da comunidade” (AXELROD, 2010, p. 127 e 128). Logo, como bem observado por Pessali (2015), a estratégia do *olho por olho*, pode se fazer mais uma vez presente.

Diante de todas essas questões, Axelrod (2010) propõe, em sua obra, algumas medidas para que a cooperação seja uma sistemática perpétua e eficiente. Em um primeiro momento, afirma que aumentar o peso do futuro é uma das saídas, uma vez que “interações frequentes ajudam a promover a cooperação estável” (p. 122).

Para ilustrar tal pensamento, Pessali (2015, p. 115):

Um posto de gasolina no meio do nada não tem motivação econômica para mimar o motorista que parou para abastecer hoje e que nunca mais vai aparecer por ali. Não há expectativa de que no futuro o outro poderá retaliar, afinal, não se espera que haja uma próxima interação.

Outra maneira para manter indivíduos motivados a cooperar, de acordo com Axelrod (2010), é aumentar as recompensas pela cooperação. Isso se aplica mais facilmente quando há um agente externo com autoridade para implicar tais engrenagens (PESSALI, 2015), o que se pode exemplificar através dos diversos descontos que os respectivos órgãos de trânsito dos estados brasileiros aplicam sobre o pagamento do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA). Motoristas que não receberam nenhuma multa ou pagam adiantado ou pagam o valor integralmente (ao invés de parcelado) usufruem desses benefícios.

Um terceiro modo, em tons de utopia, seria educar as pessoas a se preocupar umas com as outras, zelando pelo bem-estar do próximo (AXELROD, 2010). O autor define que uma comunidade composta por indivíduos bem-intencionados terá mais chances de prosperar. A quarta medida, que segue a mesma linha de pensamento, consiste em ensinar às pessoas as vantagens da reciprocidade, retomando a experiência demonstrada no Dilema do Prisioneiro e a estratégia *tit-for-tat* (PESSALI, 2015).

Por fim, Axelrod (2010) conclui, em sua última medida, que é necessário reconhecer os envolvidos em uma linhagem cooperativa, para assim desassociar-se de indivíduos que não cooperam e estes não prejudiquem os demais.

2.1.2 Cooperativismo

No meio produtivo o debate a respeito da cooperação e dos sistemas cooperativos ganharam mais força a partir do Século XIX, com a ascensão do sistema capitalista de sociedade na era pós-Revolução Industrial. O modelo cooperativo emergia como um método de livrar o proletariado da exploração das classes burguesas, que abusavam impiedosamente dos operários que trabalhavam nas indústrias, visando o lucro exacerbado, sem importar-se com as condições deploráveis a que expunham seus funcionários (OLIVEIRA, 2006).

Nesse contexto de injustiça social surge Robert Owen, um galês que, à época, detinha um complexo têxtil e revolucionou o mercado ao reduzir a jornada de trabalho de seus empregados para dez horas diárias – àquele tempo, o normal e aceitável era dezesseis horas por dia – além de proibir as crianças de trabalharem, construir escolas para estas, agindo na contramão do sistema que imperava (COLE, 1944). A produtividade da fábrica aumentou naquela propriedade localizada em New Lanark – atualmente, um vilarejo situado no condado escocês de South Lanarkshire –, fazendo com que a iniciativa se tornasse objeto de admiração, tanto de estudiosos, quanto de outros empreendedores do ramo (COLE, 1944; SINGER, 2002).

Singer (2002) relata que, com o fim das guerras da Revolução Francesa, a Grã-Bretanha encontrava-se em uma profunda crise econômica. A pobreza atingia à população, crescendo exponencialmente, enquanto a miséria e a fome assolavam às ilhas britânicas. O desemprego era um problema para uma generosa parcela da população. Ante esse cenário, ainda de acordo com o autor, Owen apresentou ao

governo britânico, em 1817, um plano de ação para reduzir os indicadores negativos que consistia na criação de Aldeias Cooperativas.

A ideia baseava-se em um preceito bastante objetivo: ao invés de enxugar os cofres públicos para entregar “esmolas” aos pobres, comprar-se-ia lotes de terras, para abrigar até, no máximo, mil e duzentas pessoas, que lá viriam a se instalar e produzir, focando na agricultura de subsistência (COLE, 1944). O excedente dessa produção seria difundido em escambo entre os vizinhos.

Cole (1944) e Singer (2002) contam que Owen recebeu a negativa do poder britânico, que não adotou a narrativa como uma solução à problemática enfrentada. Assim, ainda de acordo com os autores, o visionário partiu para os Estados Unidos da América, onde fundou a primeira Aldeia Cooperativa em New Harmony, no Estado de Indiana. Porém, após um início bem-sucedido, a iniciativa cedeu à pressão do capitalismo e ao individualismo inerente à natureza humana, levando ao fracasso do experimento, fazendo com que Owen retornasse à Inglaterra no ano de 1829 (COLE, 1944; SINGER, 2002).

Outro modelo de cooperativismo citado como crucial para entender a trajetória do movimento, de acordo com Singer (2002), é o de Charles Fourier, que se sustentava em uma ideia anarquista, onde não existiria uma autoridade máxima ou uma escala de hierarquias. Nesse panorama, todos poderiam trabalhar desempenhando atividades de acordo com suas respectivas habilidades e preferências, conforme ressalta Singer (2002). O autor explica que, dessa forma, surgiram as organizações comunitárias mais tardiamente conhecidas como “falanstérios”, de modo que as liberdades individuais fossem respeitadas em detrimento da coletividade, com papéis designados de acordo com as qualidades de cada indivíduo em particular, deixando eventuais remunerações e compensações em um segundo plano.

Nesse sistema idealizado por Fourier, Cole (1944) e Oliveira (2006) elucidam que todos teriam liberdade para trocar de trabalho e o resultado deste último seria dividido em proporções pré-determinadas; de acordo com os autores, Fourier acreditava que as pessoas exerceriam suas funções mais pelo prazer de trabalhar, do que pelas eventuais compensações ou remunerações. Assim, essas proporções seriam de 5/12 pelo trabalho, 4/12 pelo capital injetado no negócio e 3/12 pelo talento (COLE, 1944; OLIVEIRA, 2006). Ambos os escritores ressaltam um mecanismo criado

por Fourier para evitar um distanciamento significativo entre ricos e pobres, o que é bem explicado por Singer (2002, p. 36) em:

Para evitar que a sociedade se polarize entre ricos e pobres, Fourier propõe diversos mecanismos de redistribuição: 1) que as ações devem dar rendimento tanto maior quanto menor for o número delas possuído pela pessoa, de modo que os pequenos acionistas teriam um rendimento proporcionalmente muito maior que os grandes; 2) todos teriam uma renda mínima, “modesta, mas muito decente”, mesmo que não trabalhem.

Em relação a este modelo anarquista desenvolvido por Charles Fourier, pode ser citado um exemplo desenvolvido no Brasil, a Colônia Santa Cecília. Essa experiência tinha por intuito exercitar, na prática, os princípios do anarquismo, e ocorreu no município de Palmeira, situado na região dos Campos Gerais do estado do Paraná (FELICI, 1998). Nesse mesmo município está situada a Colônia Witmarsum, objeto de estudo deste referido trabalho.

Giovanni Rossi, tido oficialmente como o fundador da Colônia Cecília, iniciou sua trajetória como médico veterinário em Montescudaio, uma comuna italiana situada na região da Toscana, na província de Pisa (ROSCOCHE, 2011). Por lá, já publicava alguns manifestos de cunho socialista e anarquista. Mello Neto (2017) relata que, no ano de 1887, Rossi exerceu sua primeira experiência prática, fundando a Associação Agrícola Cooperativa de Cittadella, em Stagno Lombardo, uma comuna localizada na província de Cremona.

No Brasil, Rossi vislumbrava realizar seus experimentos na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul (FELICI, 1998). Contudo, por complicações de saúde de alguns entusiastas que o acompanhavam nesta empreitada – um grupo de cinco homens e uma mulher –, acabou parando em solo paranaense. Compraram, parceladamente, um terreno para iniciar sua experiência anarquista em 1890.

Mello Neto (2017) narra que a colônia iniciou com sete pessoas e, já no ano seguinte, contava com um contingente de cento e cinquenta. O autor pontua que, no entanto, no auge da colônia, muito dos integrantes não eram, necessariamente, seguidores ou conhecedores do movimento anarquista. Reitera, também que a comunidade passou por alguns prejuízos de plantação e colheita, devido à inexperiência e falta de habilidade de alguns membros com o plantio e a colheita.

Desde os primórdios do experimento, a colônia enfrentou um contraste entre a teoria e a prática, passando por dificuldades em manter-se de pé (ROSCOCHE, 2011).

No final de 1892, a colônia contava com oitenta e quatro moradores e, dois anos depois, apenas vinte. Felici (1998) explica que uma das grandes dificuldades para perpetuar os ideais anarquistas na colônia era o amor liberto, onde a poligamia seria uma prática aceitável, algo que não era tangível para uma época tradicionalista. Além disso, a maioria dos casais permaneceu adepto da monogamia e rejeitava a conotação imoral que a colônia ganhou da comunidade externa. Tais fatores influenciaram diretamente em uma debandada, fracassando a experiência prática de Rossi, que acabou por retornar ao continente europeu e constituir uma família tradicional burguesa (MELLO NETO, 2017).

Em Manchester, na Inglaterra, no ano de 1844, aconteceu um experimento cooperativista decorrente dos pensamentos de Owen, Fourier e outros, que é tido como um marco na história do cooperativismo, orquestrado por 28 operários da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale (SALES, 2010).

Meinen e Port (2014) relatam que essa cooperativa criou sete artigos doutrinários que tornaram-se, posteriormente, os princípios do cooperativismo, que estão representados no quadro abaixo:

QUADRO 2 – PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO

Adesão livre e voluntária dos seus associados
Gestão democrática, ou seja, todos todos se encarregam da gestão e da produção e o resultado das atividades é distribuído proporcionalmente ao trabalho de cada cooperado
Educação, formação e informação
Participação econômica dos seus membros
Autonomia e independência com relação ao governo, empresas ou outras organizações
Interesse pela comunidade
Intercooperação entre empreendimentos solidários, eliminando os grupos intermediários que fazem a distribuição dos produtos e ficam com grande parte dos rendimentos

FONTE: Adaptado de Oliveira (1979)

Tendo em vista o foco na relação entre cooperação e turismo rural desse trabalho, após discutir a cooperação, a próxima seção dedicar-se-á ao turismo.

2.2 TURISMO RURAL

O turismo rural pode ser descrito, basicamente, como uma das ramificações da atividade turística que é praticada em áreas consideradas rurais ou não-urbanas. Henríquez, Zechner e Sampaio (2010) entendem que os critérios para diferenciar as áreas urbanas e rurais variam de acordo com cada país, mas que um dos principais fatores decisórios para efetuar essa distinção seriam as atividades praticadas no local em questão. Os autores classificam que, enquanto as cidades dispõem de indústrias, residências, centros políticos e financeiros, as áreas rurais resguardam a produção da matéria primária, por meio da agricultura e da agropecuária.

Para distinguir o que seria o meio rural do meio urbano, Brasil (2010) destaca a presença da agricultura, da criação de gado (pecuária), da divisão de terras e lotes, da biodiversidade vasta e uma cultura comunitária naqueles espaços considerados “rurais”. Assim, o turismo rural pode ser caracterizado, ainda, como uma junção de variadas formas de turismo, entre elas o ecoturismo, o turismo verde, o turismo de esportes e até mesmo o turismo cultural (ARAÚJO, 2010). O turismo rural é aquele que usa do cenário rural para realizar a atividade turística como um todo, inclusive seus desdobramentos e complementos, usufruindo na natureza, ambiente característico e absorvendo a cultura da comunidade local, segundo Almeida (2010).

A superlotação das áreas litorâneas, sobrecarregadas em períodos de tempo sazonais, sendo alvo fácil para o turismo massificado, principalmente de lazer e recreação, foi um dos fatores para o surgimento e progressão da atividade turística praticada no espaço rural (TULIK, 2010). Ainda, as crises agrárias que afetaram diferentes regiões ao redor do mundo também contribuíram para que os visitantes buscassem esse êxodo e começassem a requisitar outros locais para “turistar” em seu tempo livre, conhecendo culturas e hábitos diferentes do seu cotidiano.

O turismo rural, tanto na Europa, quanto na América do Norte, surgiu quando empreendimentos rurais começaram a perceber a agricultura definhar (TULIK, 2010; NITSCHKE, 2019). Os espaços situados em locais interioranos encontraram no turismo uma fonte de renda alternativa para contornar e lidar de uma forma mais saudável com eventuais contratempos financeiros.

Almeida (2010) já relatava a incapacidade de conceituar o turismo rural com precisão no âmbito europeu, devido às grandes diferenças encontradas na prática dessa atividade nos mais dispersos países do continente que, por sua vez, possuem

vegetação, costumes e rotinas totalmente divergente, além de todo um contexto histórico-cultural que varia de nação para nação. Rodrigues (2003), ao tratar da conceituação do turismo rural no Brasil, explica que muitos tentam decifrar o turismo rural em nosso país com base em conceitos utilizados na Europa, considerando tais convicções equivocadas, considerando que há uma imprecisão de terminologias e conceitos, que mudam de acordo com o país.

Nesse sentido, Nitsche (2019) relata da dificuldade de categorizar as formas de turismo diante das inúmeras possibilidades de vertentes que a atividade possibilita. Dessa forma, a autora propõe abordar o turismo rural sob as perspectivas da atividade turística como complemento à agricultura e do turismo como principal atividade do empreendimento. Ressalta que as diferenças são contrastantes, explicando que, quando o turismo é um adicional às outras atividades rurais lá desenvolvidas, a vivência que o visitante experimenta é mais fidedigna e imersiva (NITSCHKE, 2019).

Ainda na linha do turismo rural em solo brasileiro, Brasil (2010) afirma não haver uma só definição para o que é o “meio rural” em contexto global, logo, para o turismo rural, não é diferente. Dessa forma, Nitsche (2019) traz uma separação em grupos para facilitar a compreensão das diferenças encontradas nessas propriedades, conforme Quadro 2.

QUADRO 3 - GRUPOS DE EMPREENDIMENTOS RURAIS E TURÍSTICOS

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C
Empreendimentos agropecuários pequeno porte	Empreendimentos agropecuários médio e grande porte	Empreendimentos turísticos em áreas rurais
Turismo como complemento às atividades	Turismo conjugado à atividades agrícolas	Atividades agrícolas são uma ambientação ao turismo

FONTE: O autor, com base Nitsche (2019)

De acordo com o quadro, o Grupo A representa os estabelecimentos de pequeno porte, sendo estes as propriedades de agricultores familiares e empreendimentos familiares que desenvolvem atividades agrícolas. Nesse grupo, de acordo com a autora, o turismo é coadjuvante, sendo a atividade agrícola a principal forma de subsistência dos moradores.

No Grupo B de Nitsche (2019) os empreendimentos de médio e grande porte têm o turismo como um aliado às atividades agrícolas e demais atividades econômicas

enquanto que no Grupo C o turismo é a principal atividade. Os empreendimentos que compõem esse último grupo foram idealizados para proporcionar lazer e entretenimento, por meio de opções de alimentação, hospedagem e eventos, sendo as atividades agrícolas um *background* para ambientar a localidade.

Tulik (2010) reitera que Turismo no Espaço Rural (TER), Turismo em Áreas Rurais (TAR) e Turismo Rural (TR) podem ser diferentes termos para se referir ao mesmo tipo de turismo. Brasil (2010) considera o Turismo no Espaço Rural (TER) o grande destaque desse tipo de atividade turística e que engloba, dentro de sua alçada, o Turismo Rural (TR).

De acordo com Nitsche (2019), no Brasil, TER, TAR e Turismo no Meio Rural (TMR) são distintas terminologias que levam ao mesmo ponto comum, uma atividade turística que ocorre fora do meio urbano. Ainda segundo a autora, apenas o TR destoa das demais definições, considerando que seria aquela vertente que depende da “ruralidade” do meio para permanecer coerente. Algumas tipologias são levantadas para decifrar os três grupos destacados acima (NITSCHKE, 2019). São eles:

QUADRO 4 – TIPOLOGIAS NO CONTEXTO DO TURISMO RURAL

Turismo Rural	Todos os empreendimentos agropecuários que praticam o turismo nos Grupos A e B. No Grupo C, as empresas que expressam a ruralidade de certa forma. Quando não tiverem aspectos da ruralidade, enquadram no TAR, TER ou TMR.
Turismo Rural em Fazendas	B e C: fazendas que implantaram o turismo.
Agroturismo	A e alguns B: turismo atrelado à produção agrícola. Turista pode participar do processo.
Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF)	Subgênero do Agroturismo, mais direcionado e focado nas produções familiares, onde as famílias são detentoras das terras e produzem em menor, por vezes, até para subsistência, sendo que a principal fonte de renda dessas pessoas advém da agricultura (BRASIL, 2010).
Turismo Rural Pedagógico	Visitas organizadas às propriedades rurais por alunos.
Volunturismo Rural	Turista faz trabalho voluntário para “pagar” suas despesas com hospedagem e alimentação.
Itinerários de Turismo Rural	Roteiros turísticos com intuito de promover atrativos.

FONTE: O autor, com base Nitsche (2019)

No contexto brasileiro, Silva (2001) traz contribuições para entender o rural e o turismo nessa conjuntura. O autor desmistifica a ideia de que o rural é atrasado em relação ao urbano, atribuindo à colonização exploratória e aos anos de escravidão a responsabilidade pela pobreza muitas vezes encontrada nessas localidades. Ele lembra o agronegócio e novos métodos que emergem com destaque nessas áreas, observando que o rural não sobrevive apenas da agricultura e que o êxodo rural tem diminuído, ano após ano. Refuta também a idealização de que as ocupações rurais não-agrícolas – trabalhos que são desempenhados no meio rural, mas que não têm ligação direta com a agricultura – serão a salvação do setor em crise (SILVA, 2001).

Nos próximos tópicos, será apresentada a relação entre o embasamento teórico disposto até aqui para os hábitos cooperativos e o turismo. Em seguida, buscaremos afunilar essa abordagem para a cooperação e turismo rural.

2.2.1 Cooperação e turismo rural

De acordo com Mielke e Silva (2017), no Brasil e em grande parte dos países da América Latina, é necessário que exista uma cooperação efetiva entre os atores sociais e membros da comunidade envolvida de uma determinada localidade para que se inicie um processo de desenvolvimento turístico. Ainda segundo os autores, é por meio de processos cooperativos entre organizações turísticas que se obtém melhores resultados com emprego e renda.

Gomes (2015) relata que o setor privado é crucial para que o turismo seja uma atividade econômica lucrativa, pois sem os investimentos das empresas privadas não existem serviços e atrativos turísticos a serem comercializados. O autor ainda defende que a cooperação entre o setor privado e o setor público é o que garante a competitividade do mercado e o pleno funcionamento da atividade turística, pois só assim é que o turismo se torna sustentável.

A cooperação entre empresários e órgãos públicos é relevante porque, enquanto o setor público proporciona a infraestrutura, a iniciativa privada tem bons motivos para investir naquele local (GOMES, 2015). Essas cooperações ocorrem de certa forma, por interesses políticos, em uma espécie de “troca de favores”, para que a atividade continue a ser lucrativa para todos os lados.

Soares (2017) analisou o caso da Colônia Witmarsum, objeto desse estudo, e a correlação entre o sucesso do turismo rural do local e seus hábitos de cooperação.

O autor explica que os menonitas possuem, historicamente, uma forma de organização pautada na cooperação e trabalho em grupo, em um sistema “comunitário”. Sendo assim, isso seria um fator facilitador ao que o autor chama de “turismo cooperativo”. Para que a máquina cooperativa continue a todo vapor, é necessária uma comunidade com forte estrutura social pré-determinada, constatação recorrente em Witmarsum (SOARES, 2017). Ainda de acordo com o autor, o desenvolvimento da atividade turística na Colônia Witmarsum tem impactado diretamente nos ideais cooperativos que idealizaram a comunidade. Ele afirma que os interesses individuais têm se sobressaído ao sentimento de coletividade e cooperação até então disseminados, tornando esse cooperativismo num produto turístico.

Amaral (2016) analisa a sub-região do Alentejo, uma área rural característica no sul de Portugal, atentando para a importância da cooperação entre atores e agentes para uma contribuição direta ao desenvolvimento turístico de uma localidade específica. Amaral (2016) reitera o posicionamento anterior, descrevendo a necessidade de existir uma estrutura organizacional de cooperação, promovendo uma constante interação entre setor público e privado. A autora completa que, para que facilidades turísticas sejam operacionalizadas de modo que possam ser desfrutadas por moradores e visitantes, é necessário políticas públicas e planejamento, que acarretam no desenvolvimento sustentável, primordial para regiões rurais.

Komppula (2013) por sua vez estudou seis casos de turismo rural na Finlândia, concluindo que para uma iniciativa turística em uma determinada região rural seja bem-sucedida, é preciso uma interação harmoniosa entre os agentes que atuam naquele local. Assim, é substancial que o principal foco do turismo rural seja nas pessoas e não nas instituições, para que a cooperação ocorra de forma natural e dê bons frutos para a região em questão (KOMPPULA, 2013). Para que isso ocorra, de acordo com o autor, os empresários, instituições e habitantes precisam agir no mesmo tom, com base na cooperação mútua, compartilhando afazeres e tentando fazer com que a atividade seja benéfica para todos simultaneamente.

Os atores sociais que promovem esse desenvolvimento podem ser individuais ou coletivos, desde o proprietário de um lote de terra até uma organização pública. Komppula (2013) constata, ainda, que a cooperação entre órgãos públicos e privados é extremamente benéfica para desenvolver o turismo em determinada região, alegando que a competitividade do destino exige melhorar a capacidade de resposta

aos desafios do lado da demanda e este processo pode ser executado por meio de iniciativas empreendedoras e uma gestão de marketing turístico eficiente.

Conforme reforçou Komppula (2013) o empreendedorismo é peça-chave para um desenvolvimento turístico de um espaço rural e o bem-estar coletivo, em um contexto geral, transcende o individualismo. Ainda segundo o autor, o sentimento de pertencimento à comunidade enfatizado pelos empresários que atuam em locais onde a prática do turismo rural está presente é um ingrediente extra para o aproveitamento por parte do turista e para perpetuar a cooperação entre os empresários.

O aumento da competitividade de uma determinada região e, por sua vez, seu grau de atratividade para o público externo pode ser alcançado por meio da cooperação entre esses setores, resultando na promoção turística desta localidade, possibilitando o aumento de atrações, produtos e serviços, pacotes turísticos e equipamentos (KOMPPULA, 2013; ALMEIDA, 2016). Os autores concordam que a valorização da cultura local contribui para que a engrenagem da atividade turística flua normalmente, aumentando também o interesse dos visitantes no lugar em questão.

Conclui-se, portanto, que para uma empreitada satisfatória no âmbito do turismo rural, além da qualificação e incentivo aos moradores locais, é preciso uma resguardar a cultura local, realizar a promoção turística do atrativo, e principalmente, fortalecer a interação entre os agentes por meio do incentivo à cooperação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Gil (2008, p. 35) explica que ao elaborar um problema de pesquisa, deve-se entender qual será a relevância da resolução daquele problema para a sociedade, não apenas em termos teóricos, mas também na prática. O autor ressalta a importância de deliberar sobre quais serão os benefícios e as consequências na prática dessa pesquisa e os resultados que esta trará, seja para uma determinada localidade, empreendimento ou órgão. Nesse capítulo será descrita a metodologia adotada para a coleta e análise dos dados que sustentaram o alcance do propósito desse trabalho que é compreender a influência dos hábitos de cooperação no turismo rural por meio de um estudo na Colônia Witmarsum.

Dessa forma, considerando a problemática e os objetivos gerais e específicos do estudo, o tipo de pesquisa escolhido foi a de abordagem qualitativa, com caráter exploratório, visto que busca investigar os detalhes envolvidos na interação turismo rural e cooperação em uma comunidade.

De acordo com Gil (2008, p. 27) as pesquisas exploratórias têm como principal intuito criar novas conceituações e promover novas ideias para determinado assunto, considerando possíveis debates e situações futuras. Sendo assim, o autor destaca que essa pesquisa tem que deixar algum resultado para a posteridade, fomentando outras pesquisas e instigando pesquisadores diversos.

Gomes (2006, p. 44) explica que a pesquisa qualitativa se difere da pesquisa quantitativa por ser constituída de uma sequência circular, onde o pesquisador detecta um problema, realiza indagações para esse problema, programa a coleta dos dados, determina um objeto de estudo e as técnicas de pesquisa. Posteriormente, ainda segundo o autor, o pesquisador elabora o projeto da pesquisa, coleta os dados na pesquisa de campo, analisa esses dados coletados e, por fim, redige o relatório.

Para a coleta de dados utilizou-se relatos obtidos por meio de um roteiro de entrevista (Apêndice 1) com moradores e empreendedores da Colônia Witmarsum, localizada no município de Palmeira (PR). A pesquisa de campo, de acordo com Gil (2008, p. 55), consiste em interrogar diretamente indivíduos que fazem parte do universo a ser pesquisado. O autor atenta para o fato da dificuldade em entrevistar todas as pessoas inseridas nesse universo, afirmando da possibilidade de selecionar uma amostra desse universo, um determinado número de pessoas que representarão

a ideia e entendimento do todo. Sendo assim, os dados foram obtidos a partir de um recorte traçado no universo a ser estudado.

O tipo de amostragem escolhido foi o de amostragem por acessibilidade ou conveniência, que de acordo com Gil (2008, p. 94) é quando o autor faz um recorte do cenário a ser estudado de acordo com as possibilidades, admitindo que aqueles indivíduos possam representar o grupo. Para realizar o recorte do cenário a ser analisado, foi realizado um levantamento de todos os empreendimentos situados na Colônia Witmarsum. Os materiais utilizados para esse levantamento foram coletados no Centro de Informações Turísticas da Cooperativa. Dessa forma, obteve-se um total de quarenta e nove estabelecimentos, que foram classificados em seis categorias, sendo elas: Alimentos e Bebidas, Infraestrutura, Entretenimento, Artesanato, Hospedagem e Agenciamento/Informações. Foram elencadas também dezesseis subcategorias, conforme Quadro 4.

Cada um dos estabelecimentos foi alocado em uma categoria. Alguns estabelecimentos poderiam ser enquadrados em mais de uma categoria, como é o exemplo do Restaurante Bela Vista, que além de atuar no ramo gastronômico, também oferece a opção de pernoite em uma pousada para seus clientes. Para não haver distorção dos indicadores estabelecidos, priorizou-se a característica predominante no estabelecimento, mediante pesquisa no TripAdvisor.

A título de desempate, alguns locais tiveram sua relevância medida de acordo com critérios formulados a partir dos índices do portal TripAdvisor. Priorizou-se os empreendimentos com mais visitas e/ou avaliações no website, por entender que são locais que contribuem de maneira mais efetiva para o fluxo turístico da região. Exemplifica-se: na subcategoria “Pousadas” da Quadro 4, haviam três estabelecimentos, porém só dois poderiam ser selecionados, de acordo com os critérios acima descritos. Essas três pousadas são: Pousada Katarina, Pousada Siebert e Evelyn’s Gasthaus. Sendo que Katarina possui vinte e seis avaliações, Siebert apenas uma avaliação e Evelyn’s trinta e seis (TRIPADVISOR, 2019). Desse modo, nessa categoria, triunfaram Katarina e Evelyn’s.

QUADRO 5 – ESTABELECIMENTOS DE WITMARSUM

1. ALIMENTOS E BEBIDAS		
1.1 CAFÉS E RESTAURANTES	Rancho da Cancela	Delícias da Sogra
	Chácara Beija-Flor	Sauerteig
	<u>Frutilhas Löwen</u>	Ãupa's
	Ponyland	Belê Lanches
	Sabores da Colônia	Bauernhaus
	Lecker!	Bela Vista
	<u>Kliewer</u>	<u>Bierwit</u>
	Edith's Kaffee Hot	
1.2 CERVEJARIAS	Usinamalte	Kunst Brauerei
	Plattbier	
2. ARTESANATO		
2.1 ARTESANATO LOCAL	Artesanato Witmarsum	Armazém do Campo
	<u>Toll</u>	Feirinha do Produtor
	Quiosque do Sabor	
2.2 VESTUÁRIO E SOUVENIERS	<u>Sonnewit</u>	Witmalhas
3. INFRAESTRUTURA		
3.1 HISTÓRIA E CULTURA	Heimatmuseum	
3.2 UTILIDADES	<u>Cooperativa Witmarsum</u>	Lar de Idosos Witmarsum
	Posto Witmarsum	Mercado Eurich
	Farmácia Witmarsum	Polícia Militar
	Colégio Fritz Kliewer	Mecânica Neubersmann
	ACMW	Cemitério
3.3 RELIGIÃO	AMB	Igreja Irmãos Menonitas
	Igreja Menonita	
4. HOSPEDAGEM		
4.1 POUSADAS	<u>Katarina</u>	<u>Evelyn's Gasthaus</u>
	Siebert	
5. ENTRETENIMENTO		
3.1 RURALIDADES	<u>Tracktur</u>	<u>Witmarzoo</u>
3.2 NATURAIS	Sítio Geológico	Cachoeira do Panelão
3.3 OUTROS	CCSRW	Container das Flores
6. AGENCIAMENTO/INFORMAÇÕES		
6.1 AGÊNCIAS DE TURISMO	<u>Philippsen</u>	
6.2 ATENDIMENTO AO TURISTA	<u>Centro de informações turísticas</u>	

FONTE: O autor (2019)

Após elaborar o quadro e colocar cada um dos estabelecimentos no local que melhor se enquadrava, formulou-se um critério para definir a amostra de maneira que melhor representasse o universo, tendo em vista o foco da pesquisa ser o turismo rural e a cooperação. Assim, considerando as limitações de tempo e recursos para a coleta de dados foi delimitado um total de até 12 entrevistas, distribuídas nos seis grupos. Assim, foram definidas duas entrevistas para cada grupo, exceto o grupo de alimentos e bebidas (que foram três em função de seu tamanho e importância para o turismo local) e uma para o grupo de infraestrutura (por ter menor relação com o objeto do trabalho).

Na Quadro 4, destacados em negrito, itálico e sublinhado estão os estabelecimentos selecionados conforme os critérios e informações acima descritos. No total, a amostragem totalizou doze empreendimentos, sendo eles: Bierwit Restaurante e Choperia, Frutilhas Löwen, Confeitaria Kliewer Ltda., Cooperativa Witmarsum, Tracktur Passeio de Trator, Witmarzoo, Toll, SonneWit, Pousada Katarina, Evelyn's Gasthaus, Philippsen Turismo e Centro de Informações Turísticas.

As entrevistas foram aplicadas de forma presencial com um representante de cada um dos locais pré-determinados. O instrumento de coleta de dados adotado foi o roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas abertas (Apêndices 1). Esse instrumento permitiu que os representantes dos diferentes empreendimentos de Witmarsum expressassem suas opiniões individuais. Ele foi composto por perguntas abertas um importante mecanismo de compreensão por meio da perspectiva de um morador do local. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 197) essa forma de entrevista propicia uma maior flexibilidade, podendo repetir e elucidar algumas questões, assim como avaliar atitudes comportamentais em meio à entrevista, como reações e gestuais.

Apesar de terem sido definidos doze empreendimentos como objeto das entrevistas. Contudo, realizou-se dez entrevistas ao todo. A proprietária do estabelecimento Toll reside na Alemanha, o que impossibilitou a realização de uma entrevista. Tentou-se, por vezes, agendar uma videoconferência com a responsável pelo empreendimento, mas por conta de alguns contratemplos e a diferença de fuso-horário, não houve tempo hábil para realizar a entrevista. Outra entrevista não realizada foi com o representante da Cooperativa Witmarsum. A única pessoa, de acordo com o informado via ligação telefônica, que poderia responder às perguntas representando a opinião da Cooperativa seria o presidente da mesma. Porém, em

nenhum momento foi possível contatá-lo diretamente, o que impossibilitou a comunicação e a realização da entrevista.

Desse modo, dez entrevistas foram realizadas do cronograma inicial. A primeira delas foi realizada presencialmente em Curitiba, sendo outras oito realizadas presencialmente na Colônia Witmarsum, no município de Palmeira e a última por meio de videoconferência. As entrevistas seguiram os roteiros de entrevista que constam no Apêndice 1 e 2. O Apêndice 1 traz o Roteiro de Entrevista Empreendedores, que foi utilizado em nove das dez entrevistas. O Apêndice 2 traz o Roteiro de Entrevista para Gestores, que foi criado para ser utilizado no Centro de Informações Turísticas e na Cooperativa Witmarsum. Todas as entrevistas foram gravadas, por áudio, mediante autorização dos entrevistados, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas iniciavam-se discorrendo brevemente sobre o projeto e pedindo ao entrevistado que se apresentasse e falasse um pouco, livremente, sobre quem ele era e qual estabelecimento representava. Em seguida, todas as perguntas foram lidas de maneira literal e o entrevistado pôde dar sua opinião e/ou resposta acerca daquele tema.

Desse modo, a pesquisa de campo permitiu compreender como a população de Witmarsum percebe o turismo e seu funcionamento. Vislumbrando os objetos específicos definidos previamente, o método de pesquisa proporcionou realizar uma análise mais aprofundada da atividade turística na Colônia Witmarsum, possibilitando, ainda, compreender a participação dos agentes da comunidade no turismo, suas formas de atuação e entendimento da parcela de contribuição da atividade turística na cooperativa.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

Nesse estudo, para análise e interpretação dos resultados, utilizou-se da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que consiste em um conjunto de ferramentas para análise das comunicações, que tem por principal objetivo obter indicadores que resultem em conhecimentos referentes às condições de elaboração dessas mensagens.

A análise de conteúdo não tem um modelo exato, pois é um método de análise que se apóia em experiência e observação das coisas, mas possui algumas regras

base para que ocorra de maneira ordenada (BARDIN, 1977). O autor relata que, na análise conteúdo, o pesquisador faz um tratamento das mensagens para que consiga induzir conhecimentos sobre o emissor da mensagem e/ou sobre o universo em que ele está inserido. Para tal, existe uma sequência de procedimentos a serem seguidos, que consistem na pré-análise, codificação, categorização e inferência.

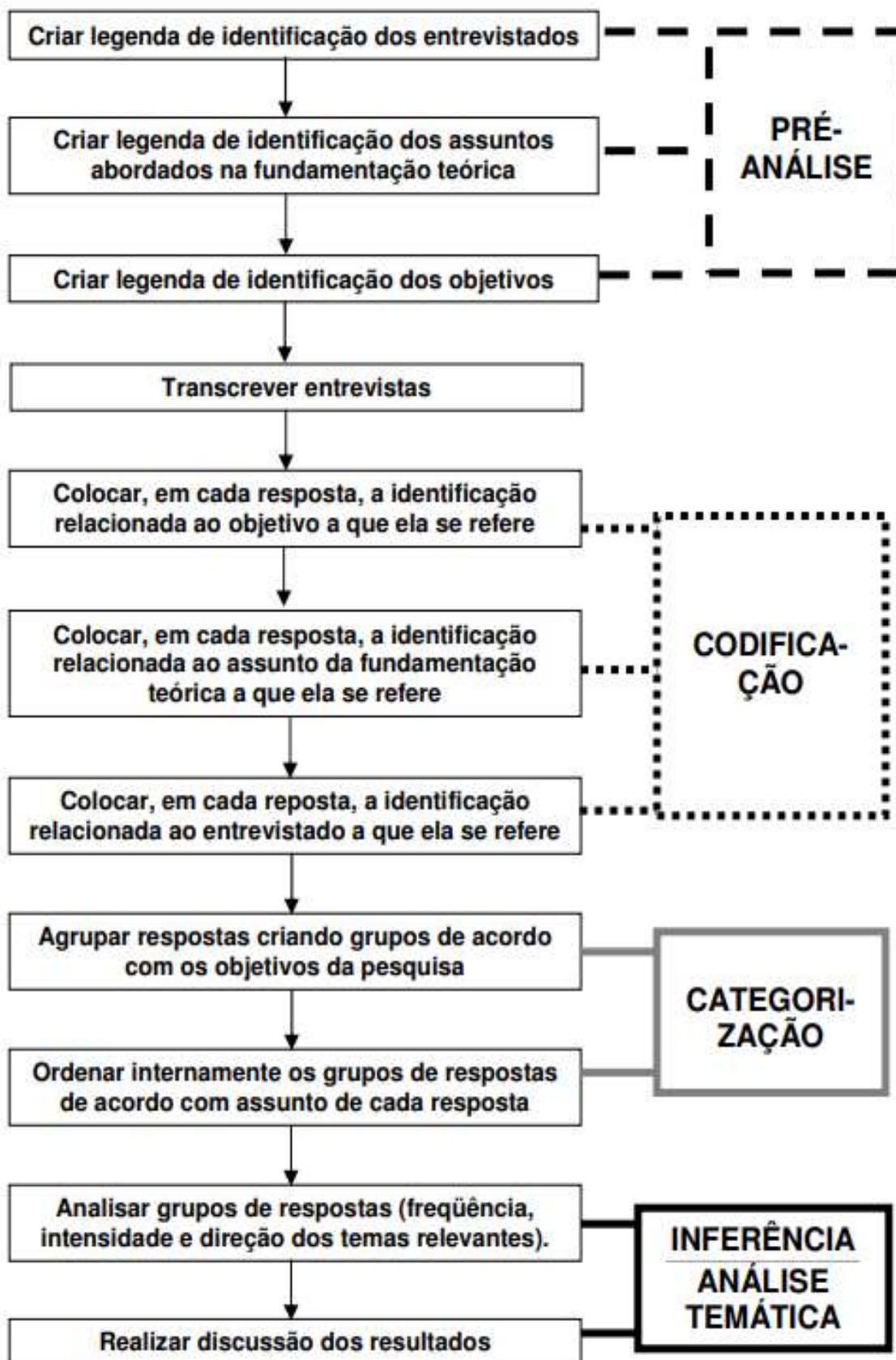
Gomes (2006) explica que a pré-análise passa por três períodos: escolha dos documentos que serão analisados, formulação das questões de pesquisa e, por fim, elaboração dos indicadores que possibilitarão a interpretação final. Assim, primeiro foram transcritas cada uma das entrevistas. Em seguida foi realizada a pré-análise, na qual se criou uma legenda com letras para identificar cada um dos entrevistados, garantindo assim o anonimato nas respostas, com base no modelo proposto por Gomes (2006).

Posteriormente, uma legenda foi elaborada para elencar os assuntos do marco teórico, tendo cada um deles recebido um número de referência. A mesma ação foi realizada para categorizar os objetivos da análise. Na codificação foram três períodos: recorte, enumeração e classificação (GOMES, 2006). Os dados foram agrupados por semelhança, para que se consiga descrever exatamente as características daquele conteúdo. Dessa forma, atribuiu-se uma identificação relacionando as respostas com o objetivo da pesquisa e também com o assunto do marco teórico.

Gomes (2006) relata que, na categorização, os elementos são reunidos por semelhança, para tornar mais fácil a obtenção dos dados, de acordo com os objetivos do estudo. Na etapa da inferência e análise temática, deve-se buscar analisar grupos de respostas, que podem ser divididos em frases e/ou palavras para, assim, conseguir realizar uma discussão dos resultados obtidos (BARDIN, 1977). As etapas descritas acima estão sintetizadas na figura a seguir.

Assim, seguindo as etapas da Figura 1 após as entrevistas realizadas, iniciou-se o momento da transcrição: cada uma das entrevistas foi transcrita de forma literal, respeitando cada interjeição e vício de linguagem do entrevistado, para que o resultado fosse o mais fidedigno possível à originalidade da mensagem que se pretendia obter.

FIGURA 1 – ESQUEMA DE ANÁLISE DE RESPOSTAS



FONTE: Gomes (2006)

Assim, atribuiu-se uma letra a cada entrevistado, de A a J (ex.: Entrevistado A). Para analisar as entrevistas transcritas, criou-se um grupo de variáveis, relacionando o roteiro de entrevista ao marco teórico, conforme Quadro 5 abaixo:

QUADRO 6 – VARIÁVEIS PARA ANÁLISE

COLÔNIA WITMARSUM	TURISMO RURAL	COOPERAÇÃO	COOPERATIVA WITMARSUM
Visão geral sobre a Colônia Witmarsum	Visão geral sobre o turismo	Importância da cooperação	Visão geral sobre a Cooperativa Witmarsum
Origens do empreendimento			Obstáculos para desenvolver o turismo
Influência cultural de Witmarsum no turismo	Relação visitantes x visitados	Solidariedade x Colônia Witmarsum	Cooperativa Witmarsum x turismo

FONTE: O autor (2019)

Essas variáveis foram dispostas dentro de quatro grupos principais, sendo eles: Colônia Witmarsum; Turismo rural; Cooperação e Cooperativa Witmarsum. A criação desses pilares foi inspirada no objeto de estudo desse trabalho, que é a Colônia Witmarsum e aos dois tópicos principais do referencial teórico, que são Cooperação e Turismo rural. A variável Cooperativa Witmarsum faz jus ao subtópico “Cooperativismo”, do referencial teórico, que remete à marca da Colônia Witmarsum, que é a Cooperativa. Ainda, fez-se necessário esse pilar das variáveis vide o último momento de perguntas dos roteiros de entrevista, que se dedicam a entender a percepção da população em relação à Cooperativa e a atuação dela na Colônia.

Dentro de cada um dos grupos-mãe das variáveis, estabeleceram-se algumas variáveis menores, conforme foi observado as perguntas do roteiro, a proposta da pesquisa e os assuntos que são abordados no referencial teórico. Com essas separações elencadas, iniciou-se a análise do conteúdo: cada uma das respostas dos entrevistados era agrupada em uma das variáveis, para que se pudesse identificar um padrão de atuação, coincidindo respostas similares às mesmas perguntas/variáveis.

Em seguida, confrontou-se o resultado obtido com a discussão exposta no referencial teórico. No próximo tópico, contextualizou-se o objeto de estudo, que serão abordados e obtidos a partir dos procedimentos metodológicos descritos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Os menonitas são um grupo religioso adeptos do cristianismo, categorizados como protestantes e que compreendem uma história repleta de fugas e perseguições (BARBOSA, 2010; MASKE, 2004; ROSA, 2016). Eles têm raízes no movimento anabatista, vertente do catolicismo idealizada pelo teólogo Ulrich Zwingli, mas foram moldados a partir da reforma iniciada pelo frísio Menno Simons (MASKE, 2013; SIEMENS, 2009).

Koutantos (2008) explica que o termo “anabatistas” significa, etimologicamente, “rebatizadores” (do grego “*ανάβαπτίζω*”). Eram assim conhecidos por praticar o rebatismo, entendendo que o batizado deveria ser feito apenas na idade adulta, quando o indivíduo tem discernimento de seus atos (DÜCK, 2005; SAHR, LÖWEN SAHR, 2000).

De acordo com Fabricio (2008) e Maske (2013) o marco zero dá-se em Zurique, em 21 de janeiro de 1525, através da construção da primeira igreja anabatista. O Estado continuava a intervir em suas crenças, insistindo na obrigatoriedade do batismo infantil, ocasionando nas primeiras perseguições (BARBOSA, 2010). Muitos fiéis refugiaram-se na Morávia, atual República Tcheca, espalhando-se, a partir de 1930, pelo norte alemão e Países Baixos, onde houve o primeiro contato com o padre desertor Menno Simons, que começava a mobilizar as primeiras pessoas (MASKE, 2004).

Rosa (2016) descreve que o frísio Simons havia se desvinculado da Igreja Católica por compactuar com os ideais do anabatismo, mas só começou a deliberar a favor do movimento após o Desastre de Münster, em 1534, na Alemanha, em que uma ala radical instituiu um regime caótico, obrigando as pessoas a batizarem-se sob pena de morte, saqueando e inserindo a poligamia. Assim, projetou-se como um dos líderes da reforma em terras holandesas, fazendo com que as ramificações que surgiram no norte europeu viessem a denominar-se “menonitas” em sua homenagem (DÜCK, 2005).

Conforme Sahr e Löwen Sahr (2000), esses devotos habitaram a região de Flandres, Frísia e Holanda, trabalhando como comerciantes, mercadores, agricultores e engenheiros. Até que, por volta de 1550, começaram a migrar para a Prússia, na

região onde atualmente está a Polônia (SIEMENS, 2009), em decorrência de novas represálias. Beneficiados por suas técnicas agrícolas, formaram uma espécie de colônia de estrutura cooperativista, cerceados por agricultores alemães e eslavos.

Mantiveram o idioma holandês vivo entre moradores, adotando o alemão apenas dois séculos depois. Maske (2013) relata que, na década de 1780, algumas políticas governamentais que contrariavam os dogmas deste povo desencadearam novos deslocamentos ao redor da Europa. Alguns menonitas mais pobres firmaram-se em províncias do território russo, a convite da czarina Catarina, a Grande (FABRICIO, 2008). Mais um século adiante, conturbações políticas provocaram êxodos para Canadá e Estados Unidos da América, o que se agravou, mais tarde, com a ditadura de Josef Stalin, que assassinou e prendeu inúmeros menonitas (DÜCK, 2005).

Segundo Siemens (2009) em 25 de novembro de 1929, cerca de cinco mil menonitas conseguiram exílio na Alemanha, até que Paraguai e Brasil se oferecessem para acolhê-los. Em fevereiro de 1930, aproximadamente mil e trezentos abrigaram-se no município de Ibirama, em Santa Catarina (SOARES, 2017), sendo que alguns dispersaram, ainda nos primeiros anos, para Curitiba. Em meados de 1940, outros debandaram para Bagé, no Rio Grande do Sul.

FIGURA 2 – COOPERATIVA WITMARSUM



FONTE: Paraná Cooperativo (2012)

Em 1951, um grupo que permanecia em solo catarinense uniu-se e arrematou a Fazenda Cancela, em Palmeira, município do estado do Paraná, localizado na

microrregião de Ponta Grossa. Posteriormente, constituíram a Colônia Witmarsum (SAHR, LÖWEN SAHR, 2000; SOARES, 2017).

A Colônia Witmarsum, objeto central deste estudo, funciona em um sistema cooperativo (COOPERATIVA WITMARSUM, 2005). A Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda., fundada em 28 de outubro de 1952, é responsável por reger a vida em comunidade na colônia com o auxílio de escola e igreja (EBERSPÄCHER, 2017). De acordo com Paraná Cooperativo (2012), a cooperativa coordena, também, um museu, um hospital e uma fábrica. O portal da Cooperativa Witmarsum (2005) relata que o pontapé inicial dessa história se dá quando quase oitenta famílias decidiram comprar a Fazenda Cancela, em Palmeira, e dividir entre si. Contudo, acabaram frustrando-se ao constatar que o solo não era propício para agricultura, passando a investir na pecuária. Eberspächer (2017) elenca que, atualmente, a colônia destaca-se pela produção de leites, queijos, grãos e rações, com um faturamento anual de mais de cem milhões de reais, contando com mais de trezentos associados e mais de cento e cinquenta funcionários.

FIGURA 3 – MAPA DA COLÔNIA WITMARSUM



FONTE: Witmarsum PR (2008)

Atualmente, o turismo rural tornou-se uma fonte de renda alternativa para a economia até então baseada na agropecuária da Colônia Witmarsum. A demanda crescente de visitantes resultou na abertura de cafés coloniais, restaurantes e pousadas. O tópico seguinte trará as entrevistas realizadas com os responsáveis por esses estabelecimentos turísticos, que contextualizaram mais assertivamente esse ramo agora tão importante para a comunidade local.

4.2 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme referido anteriormente, dez responsáveis por empreendimentos na Colônia Witmarsum foram entrevistados, trazendo seu ponto de vista sobre algumas questões de acordo com o roteiro de entrevista elaborado pelo autor.

Em relação à visão geral dos entrevistados sobre a Colônia Witmarsum, o Entrevistado A, que é natural da Colônia, mas não mora lá, enxerga a comunidade com um pensamento “bairrista” e, de certa forma, limitador. O Entrevistado C, que não é originário da Colônia, mas mora há muito tempo no local, afirma que a Colônia era muito reservada, o que o Entrevistado B concorda, ressaltando que atualmente as portas se abriram para o público externo.

Nesta linha, o Entrevistado I, que mora há apenas quatro anos na Colônia, descreve essa abertura pelo crescimento do turismo, destacando a inauguração de novos estabelecimentos que fomentam a economia. O Entrevistado J, que está há apenas um ano e meio na Colônia não visualizou mudanças significativas.

O Entrevistado D e G, que não nasceram em Witmarsum, mas moram por lá há muitos anos, refletem o desenvolvimento da Colônia pelo viés das atividades desempenhadas, destacando o turismo como uma fonte de renda alternativa do local que, antigamente, sobrevivia do agronegócio. O Entrevistados E e H, que nasceram e moram em Witmarsum, também destacam as mudanças da Colônia por meio da inserção da atividade turística como uma forma dos moradores substituírem o agronegócio. O Entrevistado F, por sua vez, concorda que a Colônia mudou muito, ressaltando o turismo como “terceiro pé do ‘tripé’ que existe”.

O Entrevistado A explica que os menonitas que fundaram a Colônia Witmarsum eram pessoas que migravam como colônia, fugindo de perseguições na Europa e que chegavam em um lugar que não produzia nada (aqui se referindo ao Paraguai) e ganhavam as terras, usando de tecnologias agrícolas europeias para “curar” o solo. O Entrevistado F destaca da identificação dos menonitas com seus ideais e o cuidado que sempre tiveram para perpetuar isso, afirmando que “eles sempre [migrando] em colônias alemãs, e com isso a religião, a língua, a educação, o cooperativismo, tudo isso caminhou sempre junto com eles”. Por conseguinte, o Entrevistado E narra uma crise agrícola que a Colônia passou e como eles conseguiram se recuperar:

Os momentos que marcaram a colônia foi 94, quando entrou o Plano Real, mudou o plano econômico do Brasil, então, é, aquilo foi assim, um momento que mudou muito porque muita gente na época, *vamo* dizer, toda a agricultura, toda a pecuária, sempre funciona pelo dólar, *né*, o pessoal, sempre fazia os financiamentos em dólar, então eles tinham, é, financiamento de maquinários, é, implementos *na*, *né*, da leiteria assim, tudo em dólar, e aquilo quadruplicou, então muita gente se endividou e acabou falindo. (...) e hoje daí entrou o turismo, *né*. O turismo começou em 2004, 2005 eu me formei, 2005, daí já tinha começado os cafés (...).

O Entrevistado E vê no turismo uma “chance da Colônia se reerguer”. Destaca que se enfrentou um êxodo rural acentuado, elencando que, em 1994, contavam com cerca de 6.000 habitantes. Atualmente, a Colônia Witmarsum tem em torno de 1.500 habitantes (MAYER, 2014). Prevê, ainda, que o a atividade turística vai “tomar conta” e, logo, “algumas propriedades grandes vão ficar tirando leite, mas o resto vai virar comércio, turismo e comércio”.

Em relação à origem dos empreendimentos, cada qual teve sua motivação para iniciar sua empreitada no ramo turístico. Alguns por motivações financeiras, outros por senso de oportunidade e até mesmo por propósito. A maioria dos locais prioriza a contratação de funcionários que moram na Colônia.

O Entrevistado F explica que exercia a profissão de professor no colégio local, mas a renda era insuficiente para prover um futuro para seus filhos, fazendo com que investisse, inicialmente, no ramo gastronômica para mais tarde, com a ascensão do turismo na Colônia, o seu negócio viesse a se tornar um dos principais atrativos da região. O Entrevistado B tinha como planejamento inicial instaurar seu empreendimento em Curitiba, o que foi inviabilizado ante os altos custos de aluguel, fazendo com que migrasse sua ideia para Witmarsum, utilizando o terreno da família.

A maioria dos estabelecimentos da Colônia surgiram espontaneamente. De pessoas que enxergaram uma oportunidade num mercado, até então, embrionário em Witmarsum. O Entrevistado C começou recebendo um estudante em sua residência e, desde então, não parou mais de receber visitantes que, atualmente, pagam por essa hospedagem. O Entrevistado E demorou a receber seus primeiros hóspedes, porém, tornou-se uma das opções mais relevantes na Colônia Witmarsum.

O Entrevistado D, por sua vez, refletiu em uma viagem para Porto Seguro que, embora não tivessem mar em Palmeira, tinham o campo e podiam fazer disso uma forma de rentabilidade. O Entrevistado H narra que recebiam uma certa demanda de indivíduos querendo passeios turísticos e não havia quem ofertasse esse serviço.

O Entrevistado G relata que recebiam muitas pessoas querendo comprar frutas, fazendo com que enxergassem uma oportunidade no nicho gastronômico. O Entrevistado I enxergou na Colônia uma possibilidade de abrir um negócio no ramo alimentício, fazendo com que se mudasse de Curitiba para lá.

Por outro lado, o Entrevistado F diz que, mesmo as pessoas que não estão diretamente ligadas ao turismo têm que se acostumar com essa nova atividade da Colônia até porque, indiretamente, eles estão envolvidos. E faz uma analogia, afirmando que seu vizinho não tem a mesma paz que tinha há dez anos atrás. O Entrevistado H define como conflitante:

Então, ele é uma coisa bem... Conflitante, até certo ponto. *Que* assim, ele é uma, por um lado uma oportunidade super bacana, o modo, por exemplo, que eu consegui ficar aqui, que é uma coisa que, pra mim pessoalmente, é um lugar que eu quero manter minha família e tal, é aqui. Por outro lado, também tem essa, um tanto de conflito que surge, porque a gente é uma comunidade essencialmente rural, tranquila, sabe? Esse silêncio é o que a gente *tá* acostumado, e que com o turismo a gente perde um tanto disso. Aí, então tem esse, esse preço que a gente paga também. Então, por mais que a minha natureza seja de ficar quietinho, num canto, eu sei que esse turismo que vai me trazer essa oportunidade de ficar aqui, sabe.

As entrevistas deixam claro que o turismo em Witmarsum acabou ocorrendo e consolidando-se de uma forma muito espontânea. A maioria dos empreendedores não possuíam formação na área ou até mesmo nas áreas subsidiárias da atividade turística, mas foram “empurrados”, de certa forma, pela demanda de visitantes a fazer acontecer uma oferta de serviços que os atendessem, até mesmo motivados pelas crises financeiras que a comunidade passou.

Tulik (2010) e Nitsche (2019) já relatavam que, originalmente, o turismo rural surgiu em propriedades rurais que começaram a ver a agricultura decair em seus negócios. Witmarsum é um exemplo clássico. Praticamente todas as famílias e moradores dedicavam-se à agropecuária, mas, em meio a crises financeiras, encontram na atividade turística um refúgio financeiro e de ocupação para perpetuar sua história e cultura, conciliando com uma renda que, aos poucos, vai se tornando essencial para sobrevivência.

Os Entrevistados B, C, D, F, G, destacam, majoritariamente, a parte gastronômica e da culinária alemã para ilustrar a influência cultural da Colônia Witmarsum na atividade turística. Alguns destes entrevistados fizeram breves

menções à dança e vestimentas alemãs. Pratos como *eisbein*, *sauerkraut*, *bratwurst*, *apfelstrudel*, foram citados.

O Entrevistado E começa explicando que em seu empreendimento ele tenta manter fotos de seus antepassados para tentar contar uma parte de sua história e também na culinária, trazendo os pratos típicos. Quando questionado qual seria a influência da cultura de Witmarsum no turismo, o Entrevistado E relatou:

O que eu defendi *na minha, na minha*, no meu projeto e conclusão de curso [é] que o turismo é uma ferramenta de preservação e resgate da cultura, *né*, e a minha ideia era que as pessoas aqui de Witmarsum começassem a usar o turismo *pra* geração nova ter uma fonte de trabalho nova, em Witmarsum, uma coisa mais interessante pra fazer, aprendendo o que os avós faziam, *né*, resgatando músicas, *é*, comida, histórias, essas coisas assim, resgate mesmo, (...) mas hoje, o turismo em Witmarsum é comida, é turismo Baviera... (...) nós somos alemães do Norte da Alemanha, e o nortista é um alemão mais sereno, mais tranquilo, *é...* *É*, tem a cultura, *né*, toda, mas não é bagunça, não é chope, não é *eisbein* [joelho de porco], não é, isso não é a nossa cultura, *né*. Aquele chapeuzinho na cabeça, então, isso não é a nossa cultura. E hoje Witmarsum *tá* começando a ser conhecida por isso, pela *bratwurst* [salsicha de origem alemã], pelo *eisbein*, pelo traje típico, mas esse não é a nossa cultura. Então hoje, eu me posicionei *pro* grupo [de Turismo de Witmarsum], eu pago a taxa tudo, certinho lá, mas *eu*, eu não apoio o turismo que eles tão praticando hoje, *né*. Essa é a minha visão, *né*.

O Entrevistado H, na mesma linha, afirma que a Colônia Witmarsum tem uma história muito única, com “características culturais que são especificamente nossas. Então, a gente, até uma coisa que a gente tem falado muito, a gente focar justamente nisso, deixar bem claro que a gente não é Gramado, não é Pomerode”.

Os Entrevistados I e J, que moram há menos tempo que os demais em Witmarsum, tem uma opinião que vai de encontro com as demais. O Entrevistado I acredita que a principal herança cultural dos primeiros moradores é o dialeto, e que essa influência pode ser enxergada na Colônia, atualmente, por meio de festas como a Oktoberfest. O Entrevistado J destaca, principalmente, o comportamento dos moradores e as vestimentas.

Ao analisar a Colônia Witmarsum, Soares (2017) constatou no trabalho em grupo e no sistema “comunitário” que rege a comunidade local alguns dos principais frutos que os menonitas deixaram para os atuais moradores, por meio de uma cultura bem consolidada, refletindo na organização dos moradores, que faz com que a atividade turística ocorra de uma maneira coesa.

Ao abordar a visão que os empreendedores têm do turismo, a maioria concorda que é uma atividade com um potencial de desenvolvimento altíssimo para a Colônia.

A maioria dos entrevistados pontuou que a atividade turística é uma fonte de renda imprescindível para sobrevivência de seus respectivos negócios, porém ainda tem muitas coisas a evoluir.

Outra pauta em comum é que o turismo da Colônia ainda é muito gastronômico e diurno. Ao entardecer, todos os estabelecimentos fecham e o turista fica sem opções de lazer. As opções de hospedagem são escassas e, nos dias em que as entrevistas foram realizadas, todas as pousadas estavam lotadas. Além dos cafés coloniais e restaurantes, as opções de lazer restringem-se ao lado rural da Colônia, sendo mais dedicadas às crianças.

Outro nicho bastante visível por lá são os “motoqueiros”, indivíduos que exibem motocicletas de grande porte, que usufruem das rodovias bem cuidadas de Witmarsum e seu entorno, além das belas paisagens. O Entrevistado I expõe a mesma opinião: “E aqui também tem os motociclistas que vem bastante, que é *um*, assim, um bate volta bem rapidinho, sabe. Então, claro, tem o turista, aquela família que realmente, passar o final de semana, mas por não ser tão longe das cidades”.

Ainda, um ponto que causa grande entrave em Witmarsum é a sazonalidade. Alguns entrevistados colocaram isso em pauta, indiretamente, ressaltando o grande fluxo de turistas que costumam receber nos meses de Junho e Julho e nos feriados. Nessas épocas, a Colônia não tem estrutura suficiente para receber a todos os visitantes de forma organizada e que satisfaça a todos. Porém, em contrapartida, não há a possibilidade/necessidade de aumentar o número de estabelecimentos e funcionários, de acordo com os entrevistados, vide que durante a semana (dias úteis) e em meses de baixa temporada, a procura é irrisória. Obviamente, é um grande impasse financeiro e de planejando que os empreendedores enfrentam, principalmente, acredito, por uma falta de auxílio técnico e de estudos de oferta e demanda. O Entrevistado E destaca que faltam também atividades de lazer e recreação, pois “tem muita comida, mas pouco o que fazer”.

O Entrevistado J traz a questão da falta de estrutura em momentos de grande fluxo, afirmando que “o turista ainda sente falta de muitas coisas, é, só um exemplo, tipo pousada, nós não temos nenhuma pousada que comporte um único estouro”. O Entrevistado G, nesse sentido, explica que nos meses de alta temporada o estabelecimento abre todos os dias, ao contrário do que usualmente ocorre. O Entrevistado C, por sua vez, aborda o mesmo ponto, mas com outra perspectiva,

explicando que em julho, por exemplo, muitas pessoas vão até à Colônia, mas não há muitas opções de alimentação.

Em relação aos obstáculos para que o turismo se desenvolva, os Entrevistados B, F e J encontraram na Prefeitura de Palmeira (PR) um dos principais para o desenvolvimento da atividade turística na Colônia Witmarsum. O Entrevistado J relata que o grupo de turismo de Witmarsum batalha há algum tempo para conseguir placas de sinalização junto à Prefeitura, para potencializar o acesso de possíveis turistas ao local. Ainda, discorre que, recentemente, a Prefeitura criou uma ciclovia na Colônia que ficou “muito mal feito”. O Entrevistado F concorda, que a Prefeitura poderia auxiliar em muitos aspectos e o Entrevistado B ressalta a questão das placas de sinalização.

Atrelado aos obstáculos para desenvolver o turismo, os entrevistados foram questionados quais seriam as medidas para aumentar o número de turistas. Quatro entrevistados viram na divulgação uma medida eficaz para atrair um fluxo maior de turistas, sendo eles os entrevistados B, C, F e G.

A respeito da atração de turistas os entrevistados A, C e E manifestaram que a demanda não deve aumentar, que isso não seria benéfico para Witmarsum. Nesse sentido, o Entrevistado A disserta:

Eu diria que não deveria aumentar o número de turistas na região mais. Justamente por essa experiência. Os meus, as piores avaliações que eu tenho no meu parque são nos dias mais cheios do parque, *né*. Normalmente, a gente trabalha na sazonalidade, então final de semana é sempre tranquilo, sempre tranquilo. Aí chega um feriado de 7 de Setembro, é... Eu cheguei a receber num dia de feriado 400 pessoas. (...) Junho passado, foi 1.038 vezes num mês inteiro! Então, é óbvio que eu não tenho banheiro *pra* quinhentas pessoas, eu não tenho animais *pra* 400 pessoas. Então, hoje, não é positivo *vim* mais pessoas, por isso que a gente até evita, é, qualquer tipo de programa na TV. (...) Passou na TV, próximo final de semana pode saber que vai *tá* abarrotado de gente. Mídia televisiva.

Há, ainda, duas opiniões que se dispersam das demais: o Entrevistado D acredita que não deveria melhorar nada para aumentar o número de turistas na região e o Entrevistado H vai para o lado do planejamento turístico: “a gente elaborou um plano bianual agora (...) *pra* focar na parte cultural”, vendo na consolidação da cultura de Witmarsum uma saída para que o número de visitantes aumente ao natural.

Em seguida, tratou-se da relação visitantes e visitados. Os entrevistados, quase que unanimemente, concordam que os turistas respeitam e entendem a história e cultura da Colônia Witmarsum, apontando que muitos, inclusive, vão até lá motivados por isso. Porém, alguns fazem a ressalva de que, em casos isolados, os turistas

cometem atos “desrespeitosos”. O Entrevistado A não vê esses atos esporádicos como um problema, afirmando ser uma “ordem natural”, porque “onde há pessoas, existem problemas”.

O Entrevistado D reclama que alguns visitantes só querem saber de “passear e comer”, não querem ouvir as histórias dos “antigos” moradores. A respeito dos malefícios que o turismo traz para Witmarsum a maioria não presenciou nenhum infortúnio em seus empreendimentos, mas relatou as principais queixas dos moradores e da população da Colônia no geral, sendo três as principais advindas dos empreendedores: automóveis/motocicletas; violência e invasão de privacidade.

No tocante aos automóveis e motocicletas, o Entrevistado I expõe que os moradores reclamam bastante do movimento de moto e carro ao sair da igreja, pois é algo que eles não estão acostumados. O Entrevistado J descreve que alguns moradores reclamam que os turistas estacionam o carro onde não deve e o Entrevistado A cita da alta velocidade desses automóveis em uma zona rural. Ainda a respeito desses veículos, o Entrevistado B atenta para a poluição sonora que estes trazem, fator agravado pelo fato da Colônia contar com um Lar de Idosos, além de crianças pequenas que se assustam com os barulhos excessivos. O Entrevistado D explica que muitos visitantes que se deslocam à Colônia de carro, às vezes, param o carro no meio da rodovia para tirar fotos e acabam complicando caminhões e colheitadeiras que estão realizando o trajeto, principalmente em trechos de descida.

Outra questão, citada pelos entrevistados A, B, E e H é a invasão de privacidade. Muitos empreendedores reforçaram uma reclamação que é comumente feita pelos moradores de Witmarsum, de que os visitantes acabam “invadindo” os terrenos que não tem delimitação por cerca ou muros. O Entrevistado A fala que alguns turistas “vão até dentro da casa, do quintal da pessoa pegar uma laranja, pegar uma mexerica”. O Entrevistado E reclama do mesmo problema, quando presenciou turistas pegando frutas de suas árvores sem permissão. Os Entrevistados B e H falam dos turistas que entram em algumas propriedades para tirar fotos.

Em menor escala, a violência também é citada, pelos entrevistados B, G e E. Tanto na questão assaltos e roubos, quanto no parâmetro de agressão/violência doméstica, presenciada pelo Entrevistado E em seu estabelecimento. Outros problemas foram lembrados também, como fluxo de pessoas, lixo nas ruas e especulação imobiliária.

A respeito da importância da cooperação entre os diferentes empreendimentos para o turismo no local, todos acreditam que essa cooperação é necessária para que a atividade turística continue prosperando. Em seguida, foram indagados se os empreendedores costumavam se reunir. Todos disseram que sim, e a maioria dos entrevistados afirmou que essas reuniões costumam ocorrer uma vez por mês.

Porém, quando perguntados o que costumavam discutir nessas reuniões, o cenário mudou. Os entrevistados C, E e F não participam das reuniões. Os outros entrevistados pontuam algumas pautas levantadas nesses encontros: *feedback* de clientes, divulgações, placas na BR (rodovia), mapa interativo e festas típicas. Essas reuniões são geridas por um grupo de turismo, que faz parte da Associação de Moradores de Witmarsum. Os integrantes dessa iniciativa pagam uma taxa mensal de R\$ 50 e possuem um grupo no aplicativo WhatsApp para facilitar a comunicação.

Posteriormente, os entrevistados responderam a algumas perguntas sobre a Cooperativa Witmarsum. O Entrevistado E explica: “o produtor entrega o produto, o leite, a soja e o milho, *né*, e ele pode ir fazendo compra na Cooperativa” ao que o Entrevistado D completa: “eu tiro leite e mando *pra* Cooperativa, porque eles daí vem recolher o leite, eles daí vendem, eles beneficiam, fazem o queijo, em grande quantidade...”. Os entrevistados entendem que a atividade turística não é crucial para a Cooperativa Witmarsum e não veem que o trabalho da Cooperativa impacta diretamente em seus respectivos negócios. Também, não enxergam de maneira clara atividades de conscientização promovidas pela Cooperativa para o turismo.

A análise dos resultados apresenta que a Colônia Witmarsum é uma comunidade bem organizada, que perpetua o pensamento coletivo originado pelos primeiros moradores europeus do local e que, atualmente, enxerga na atividade turística uma possibilidade de desvencilhar-se do agronegócio, que foi, por muito tempo, o ponto forte da Colônia, sendo uma fonte de renda imprescindível para grande parte dos habitantes.

Porém, entende-se que o turismo, embora haja um aumento crescente no fluxo de visitantes, de acordo com os empreendedores, ainda está num estágio bastante inicial, em determinados aspectos. De acordo com a análise realizada, observa-se a necessidade de trazer o espírito de cooperação para o âmbito turístico, pois alguns entrevistados ressaltaram que muitas reuniões não levam a acordo nenhum, enquanto outros afirmaram que nem sequer participam das reuniões.

5 PROJETO DE TURISMO

De acordo com a pesquisa de campo realizada na Colônia Witmarsum, constatou-se que a atividade turística tem grande relevância para os moradores e para a economia da comunidade. Identificou-se, ainda, que o turismo se manifestou como uma alternativa à agropecuária, em tempos de crise, em meados de 2004. No início, a atividade contava com certa organização, ainda que pouca, com auxílio de órgãos externos. Porém, atualmente, ao realizar a pesquisa presencialmente na Colônia, repara-se que o turismo chegou em um nível que está apresentando alguns efeitos colaterais para Witmarsum, com princípios de escassez (seja de vagas ou de opções) e pequenos conflitos com a comunidade local.

Sendo assim, acredita-se ser preciso uma reestruturação dos estabelecimentos, visando um atendimento mais qualificado aos visitantes, diminuindo eventuais discordâncias entre os empreendedores e moradores. Considerando esses fatores e algumas desarmonias relatadas nas entrevistas, em que alguns entrevistados reclamaram do rumo que o turismo está tomando na Colônia Witmarsum e a existência de conflitos dentre os empreendedores, se propõe um projeto para fomentar a cooperação, força originária da Colônia, também na atividade turística, e não somente na produção de laticínios e infraestrutura para a comunidade.

Esse projeto tem a possibilidade de trazer aos moradores a importância econômica e cultural do turismo, fazendo com que possam ter mais empatia com determinadas situações envolvendo os visitantes, e evidenciando a necessidade de cooperação constante entre os diferentes estabelecimentos.

5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto consiste em um curso de estratégias de cooperação com ênfase no turismo para os empreendedores interessados da Colônia Witmarsum. Visa ser uma ferramenta de instrução e contribuição para alavancar a atividade turística de forma que todos os contribuintes e atuantes no turismo da Colônia se sintam beneficiados e mais preparados para receber os turistas, minimizando contratempos inerentes à atividade.

Esse serviço tem o propósito de inserção imediata à realidade local, pois o turismo já ocorre intensamente e já se nota algumas problemáticas decorrentes de

falta de planejamento e sintonia entre os estabelecimentos conterrâneos. O curso pode ser realizado em espaços comuns aos moradores da Colônia, como em um estabelecimento que disponha a receber essa instrução ou mesmo em terras da Cooperativa Witmarsum, principal instituição local e que engloba a Associação de Moradores de Witmarsum, órgão que possui um braço dedicado ao turismo.

O curso seria lecionado por um turismólogo em data definida, de acordo também com a disponibilidade dos participantes (os empreendedores de Witmarsum). Pretende-se com o curso auxiliar os moradores e empreendedores da Colônia se sintam mais pertencentes à atividade e consigam perpetuar uma cooperação mais genuína dentro do turismo. Posteriormente, esse projeto poderá ser realizado em outros ambientes que também utilizam do turismo rural como fonte de renda, de acordo com as necessidades de cada destino.

Por fim, o projeto pretende ser uma troca de conhecimento, entre o ministrante e os habitantes locais. O princípio do curso é ter a educação como ferramenta transformadora, trazendo as linguagens e técnicas do turismo para dentro de uma comunidade essencialmente agrícola e baseada na cooperação entre indivíduos.

5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

Primeiramente, o projeto deverá ser apresentado para a Colônia Witmarsum, para delimitar quantos indivíduos estariam interessados em realizar o curso, entre empreendedores, responsáveis pelos estabelecimentos, funcionários e moradores que se envolvem direta ou indiretamente na atividade turística na localidade. Sendo assim, seria necessário o apoio da Cooperativa Witmarsum e da Associação de Moradores de Witmarsum para divulgação do projeto entre os moradores para acelerar o processo de captação dos interessados.

5.2.1 Descrição das etapas para a execução do projeto

O primeiro momento será o de captar interessados, com a divulgação do curso e do projeto. Pretende-se prospectar um local para realização das aulas, com capacidade mínima de vinte pessoas. A segunda etapa é a execução da capacitação, que ocorrerá em cinco módulos/temáticas:

1. Turismo
2. Relação visitantes e visitados
3. Cooperação
4. Turismo rural e cooperação
5. Passos para aplicar a teoria

O curso demandará cerca de um mês para sua realização. Os módulos ocorrerão aos sábados, com uma aula de cerca de quatro horas por dia. Essas quatro horas abrangem uma hora e quarenta e cinco de apresentação, trinta minutos de intervalo e mais uma hora e quarenta e cinco de apresentação.

As apresentações serão feitas com um material de apoio, com recursos audiovisuais, requerendo retroprojeter, telão e outras ferramentas adicionais. O primeiro módulo é uma espécie de contextualização, para inteirar o participante à temática, iniciando com a importância do turismo, suas formas de representação, seus aspectos econômicos e sua relação com a cultura.

Os três módulos subsequentes tratarão de temáticas mais direcionadas à realidade de Witmarsum, como a interação de visitantes e visitados, as perspectivas do sistema cooperativo e sua aplicabilidade para a atividade turística. O último módulo retomará tudo que foi aprendido, com uma espécie de passo a passo para exercer todo o aprendizado na prática.

1. Turismo – Esse primeiro módulo tratará do turismo de uma forma geral. Os participantes conhecerão as origens do turismo, sua história e como ele foi inserido na nossa sociedade atual. Em seguida, serão apresentados às formas de turismo: turismo rural, turismo da base comunitário, turismo de massa, etc., pincelando as ramificações do turismo que mais se adequam à realidade da Colônia, como o turismo rural e o turismo de base comunitária. Ainda, será apresentado um parâmetro geral do que o turismo representa financeiramente para o planeta, e como as principais nações e cidades dependem, monetariamente, dessa atividade. Na segunda rodada de apresentação do primeiro dia, os participantes se envolverão com planilhas e gráficos da rentabilidade do turismo, explorando como tornar o turismo sustentável para seu negócio. Serão expostos exemplos de como evitar prejuízos em épocas de baixa temporada e como fazer para que ele se

mantenha rentável na alta temporada, sem causar desestabilização ou desordem. Os alunos entenderão como aplicar na prática os cálculos e distribuição de lucros e despesas, como uma iniciação à “educação financeira” do turismo. Em contrapartida do viés econômico do turismo, o final desse módulo resgatará a imprescindibilidade de se valorizar a cultura dentro do turismo. Trará exemplos de locais onde a cultura é o principal atrativo turístico do destino, com fotos e vídeos para ilustrar a realidade. Um debate mais assertivo do que é cultura no turismo e como fazer para que ela não se desfaça com o tempo em meio ao contato com o público externo. Por fim, os participantes entenderão formas de conservar sua história e cultura sem que isso impacte negativamente na demanda e oferta local. Serão apresentados exemplos práticos observados na pesquisa de descaracterização cultural na Colônia Witmarsum e como impedir que isso aconteça de forma desordenada.

2. Relação visitantes e visitados – Aproveitando da temática do módulo anterior, o segundo módulo começará tratando dos malefícios que a interação visitantes e visitados pode trazer do ponto de vista sociocultural. Traremos alguns exemplos de locais que sofreram uma descaracterização quase que completa para se adequar ao público que vinha praticar o turismo. Ainda, serão abordados os tipos de visitantes e quais são seus principais comportamentos. O segundo de apresentação desse segundo dia visa dar uma iniciação à hospitalidade, de como receber o turista, como tratá-lo e como fazer com que os moradores que não estão diretamente envolvidos com a atividade possam fazer parte disso.
3. Cooperação – Aqui tratar-se-á dos primórdios da cooperação, trazendo um resgate histórico dos primeiros sistemas cooperativos e seu propósito inicial. Desse modo, serão apresentados exemplos de comunidades que operam até os dias atuais nesse sistema, emendando no terceiro dia focando especialmente na Colônia Witmarsum. Ao final, haverá dinâmicas e atividades estimulando a cooperação entre todos os alunos do curso.

4. Turismo e cooperação – Esse módulo será para fechar o curso de forma a amarrar todos os conhecimentos aprendidos. Todos os pontos abordados e como eles podem ser solucionados e organizados através da cooperação entre os diferentes empreendedores serão elencados. Na segunda rodada de apresentação desse quarto dia, o sistema de operação da Cooperativa Witmarsum será estratificado e ocorrerá uma sugestão prática para aplicação desse *modus operandi* também para a atividade turística. Ao fim, trarão soluções e propostas de formulação de um modelo hegemônico para fazer com que todos os cooperados estejam na mesma sintonia.
5. Passos para aplicar a teoria – O último módulo será mais dinâmico e menos teórico. Nele terão apresentações conciliadas com atividades práticas, para fazer com que os alunos vislumbrem a possibilidade de exercer o que aprenderam no curso em seu dia a dia.

Ao final do curso, todos os alunos realizarão uma pesquisa de satisfação anônima, por meio do qual poderão dar um *feedback* do que aprenderam e manifestarão suas sugestões para que esse curso possa ser replicado em outros destinos de turismo rural.

5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa

Esse curso requer a iniciativa de apoiadores para fazer possível a realização de todos os eventos, sem maiores complicações, visto que o curso não requer alto investimento monetário. O apoio da Prefeitura de Palmeira (PR) e da Cooperativa Witmarsum, juntamente com a Associação de Moradores e seu grupo de turismos seria importante para fazer o projeto tornar-se realidade.

Esse apoio é importante para a divulgação, como logística (deslocamento do tutor) e de recursos secundários, como decoração e organização do espaço onde serão realizadas as palestras. De todo modo, o único recurso humano imprescindível, em um primeiro momento, é a monitoria e realização do curso por parte de turismólogo. Se a comunidade demonstrar interesse em aprofundar-se nas temáticas do curso, deverá organizar-se uma equipe de profissionais multidisciplinares.

5.2.3 Descrição do orçamento e dos desembolsos por etapa

O único custo fixo seria com o deslocamento do turismólogo a lecionar o curso. O trajeto Curitiba até a Colônia Witmarsum, no município de Palmeira (PR), compreende cerca de 64km. Sendo assim, seriam 128km de ida e volta por dia. Considerando que são cinco módulos e um dia por módulo, seriam cinco dias de deslocamento. Ao todo, são 640km. Considerando um automóvel que consuma 1 litro de combustível a cada 10km rodados, teríamos 64 litros de combustível para realizar todo esse trajeto. Considerando o valor atual do etanol, de R\$ 2,899, teríamos um total de R\$ 185,53 para todo o deslocamento necessário.

Em relação ao valor do trabalho exercido pelo turismólogo, considera-se um total de 4h de aulas por dia mais 1h50 de deslocamento diário. Sendo assim, teríamos aproximadamente 30h trabalhadas ao final do curso. Além disso, considera-se também as aulas despendidas na elaboração desse projeto e do material gráfico para apresentações, estimando-se 300h no total. Somando a teoria com a prática, teríamos 330h totais para elaboração do curso mais sua aplicação. Levando-se em conta que o salário piso por hora de um turismólogo é de aproximadamente R\$ 6,81 (SALÁRIO, 2019), calcula-se um valor de R\$ 2.432,83 para disponibilizar esse curso.

Contudo, o objetivo é que esse primeiro curso represente um auxílio à comunidade local. Sendo assim, conta-se com o apoio da Prefeitura e da Cooperativa para disponibilização de salão para palestras, retroprojetor e eventuais necessidades materiais menores, como canetas e copos de água para o palestrante.

5.2.4 Avaliação do retorno do investimento

O curso será gratuito e não tem a intenção de reverter fundos, sim de espalhar conhecimento entre os moradores da Colônia Witmarsum. Porém, o curso poderá gerar ganhos financeiros significativos para a comunidade local, profissionalizando e organizando ainda mais o turismo na região, inclusive impulsionando a comercialização dos produtos fabricados pela Cooperativa Witmarsum. O mesmo vale para o ministrante do curso e que poderá arrecadar com esse trabalho nos próximos cursos em outras localidades que decidirem por investir nessa capacitação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto pretendeu analisar os efeitos do turismo rural na cooperação em uma comunidade, no caso do presente estudo, a Colônia Witmarsum. O embasamento teórico desse trabalho se deu por meio do referencial teórico, que considerou três pilares principais: cooperação, turismo rural e cooperação e o turismo. Esses termos foram determinados a partir das problemáticas de pesquisa apresentadas na introdução desse estudo, e foram estratificadas por meio de subtópicos que buscaram explicar a origem dos termos e suas consequências. Essa base teórica teve como intuito sustentar a análise dos dados.

Entende-se que as origens da comunidade, que em toda a construção social e na agropecuária operou em um sistema de cooperação, contribuiu para que o turismo se iniciasse de forma espontânea e tomasse corpo com o tempo, tornando-se uma das atividades essenciais para sobrevivência dos moradores da Colônia Witmarsum. Porém, observou-se também que é necessário fazer um resgate à cooperação, para que a organização continue sendo fator preponderante nas atividades locais e que o turismo ocorra de forma planejada e rentável. Acredita-se que a atividade turística pode ser uma aliada nessa retomada à cooperação. Com esse projeto, pode-se compreender na prática a importância iminente que a cooperação e o sistema cooperativo têm para a comunidade em questão. Detectou-se também que o visitante que vai até a comunidade situada em Palmeira é um turista consciente, que respeita a cultura e tradições do povo menonita, salvo algumas exceções. Ainda, identificou-se que a colaboração e beneficência ao próximo contribuíram grandemente com o sucesso econômico da Colônia Witmarsum. Porém, identificou-se também a ausência de uma participação ativa da Cooperativa Witmarsum na rotina do turismo e um princípio de conflitos na cooperação entre os diferentes estabelecimentos, evidenciando uma discordância de ideias em relação a como operar o turismo em Witmarsum de forma a preservar sua história e cultura.

Assim, esse estudo teve por implicação teórica a contribuição para a falta de estudos que corroborassem o caso da Colônia Witmarsum como um caso de sucesso no turismo rural e até mesmo explorassem a prática da atividade sob a ótica da cooperação e, na prática, o projeto conseguiu contribuir reforçando a importância da cooperação entre diferentes empreendimentos em um contexto de turismo rural, elaborando um projeto de capacitação que visa reestabelecer essa colaboração entre

indivíduos, para que o turismo ocorra de forma mais organizada e a cooperação seja restituída por meio dele.

As limitações de tempo desse projeto fizeram com que se selecionasse uma amostra reduzida comparativamente ao universo de estabelecimentos em Witmarsum. De todo modo, a limitação coordenada por meio da amostra se mostrou eficaz, não apresentado obstáculos no contato com a comunidade da colônia.

As proposições para futuras pesquisas são de estudos que abordem o turismo rural na Colônia Witmarsum sob a ótica da cultura, história e religião, como temas relevantes para a manutenção da cooperação como um mote de vida, para possibilitar compreender todas as particularidades que envolvem essa comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giovana Goretti Feijó de; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Redes de Cooperação e Território: o caso da Associação Rede Casanova. **Desenvolvimento em Questão**, v. 13, n. 29, p.158-190, 29 jan. 2015.

ALMEIDA, Joaquim Anécio; FROEHLICH, José Marcos; RIEDL, Mário (Orgs.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2000. 238 p.

_____; RIEDL, Mário (Orgs.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2000. 264 p.

ALMEIDA, Maria Geralda de. A sedução do turismo no espaço rural: das naturezas e políticas. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. Cap. 3. p. 33-46.

AMARAL, Marta Isabel Casteleiro. A cooperação entre os *stakeholders* e o desenvolvimento turístico dos territórios rurais – o caso da sub-região do Baixo Alentejo (Alentejo - Portugal). **Turismo: Visão e Ação**, v. 18, n. 1, p.29-59, 2016. Editora UNIVALI.

ARAÚJO, José Geraldo Fernandes de. Potencialidades do turismo no espaço rural: desenvolvimento, conceitos e tipologia. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. Cap. 2. p. 23-32.

AXELROD, Robert. **A evolução da cooperação**. São Paulo: Leopardo Editora, 2010. 221 p.

BARBOSA, Francielly Giachini. **Para além da escola: identidade menonita e práticas socioeducativas** (Curitiba, 1934-1948). 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COLE, George Douglas Howard. **A Century of Co-operation**. Manchester: Co-operative Union Ltd., 1944. Disponível em: <<https://goo.gl/2YWE2r>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COOPERATIVA WITMARSUM. **A cooperativa**. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/U8KSEf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

DÜCK, Elvine Siemens. **Witmarsum, uma comunidade trilingüe: Plautdietsch, Hochdeutsche português**. 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Lingüística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

EBERSPÄCHER, Gisele. **Witmarsum, a pequena colônia paranaense que divide sua história com o mundo**. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/aXmdus>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

FABRICIO, Ana Carolina Baggio. **Estudo das atividades turísticas na Colônia Witmarsum - Palmeira - Paraná**. 2008. 49 f. Monografia (Especialização em Planejamento e Gestão de Turismo), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. **Cadernos AEL: anarquismo e anarquistas**, Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, p. 9-61, 1998.

FIANI, Ronaldo. **Cooperação e conflito: instituições e desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Elsevier Academic, 2011. 214 p.

GARRAFA, Volnei; SOARES, Sheila Pereira. O princípio da solidariedade e cooperação na perspectiva bioética. **Revista Bioethikos**, São Paulo, v. 7, n. 3, p.247-258, 2013.

GARRIDO, Álvaro. **Cooperação e solidariedade: uma história da economia social**. 1. ed. Lisboa: Tinta da China, 2016. 320 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GOMES, Bruno Martins Augusto. **Políticas de regionalização do turismo em Minas Gerais: uma análise sob a ótica dos custos de transação**. 2006. 108 p. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2006.

GOMES, Bruno Martins Augusto. **Políticas públicas de turismo: interação empresários-setor público em Curitiba sob a ótica institucional**. 2015. 203 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

GRAÇA, Joaquim. Turismo e mundo rural: que sustentabilidade? In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 170 p. Cap. 2. p. 35-46.

HALL, Derek; KIRKPATRICK, Irene; MITCHELL, Morag (Eds.). **Rural tourism and sustainable business**. 26. ed. Clevedon: Channel View Publications, 2005. 370 p.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HENRÍQUEZ, Christian; ZECHNER, Talita Cristina; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Turismo y sus interacciones en las transformaciones del espacio rural. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, Valdivia, v. 18, p.21-31, 2010.

HOBBS, T. **O Leviatã**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

KOMPPULA, Raija. The role of individual entrepreneurs in the development of competitiveness for a rural tourism destination – A case study. **Tourism Management**, v. 40, p.361-371, 2014.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

KOUTANTOS, Dimitrios. **Palavras que cheiram mar 2: etimologia de mais de 1.000 palavras gregas usadas em português**. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/14PE8E>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASKE, Wilson. **Entre a cruz e a suástica: a fé menonita e a tentação totalitária no Paraguai (1933-1945)**. 2004. 217 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

_____. Anabatistas sob o Cruzeiro do Sul: a experiência Menonita no Brasil (1930-1945). **Pistis Praxis**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 253-273, jan./jun. 2013.

MAYER, Isadora. **Colônia Witmarsum**. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/Mm68Uo>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MCITIES. **Curta o dia na Colônia Witmarsum: o interior da Alemanha é aqui!** 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2DAXDWf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

MELLO NETO, Candido de. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi: de Poggio al Mare à Colônia Cecília**. 3 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2017. 336 p.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa; SILVA, Jorge Antonio Santos. A cooperação no desenvolvimento de destinos turísticos: importância como política pública e como instrumento propulsor na comercialização de produtos turísticos locais. **Revista Iberoamericana de Turismo**, n. 7, p.3-21, 2017. Universitat de Girona-Universidade de Alagoas.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 68 p.

NARDELLI, M. A.; STRAPASSON, E. V. L.; BRAMBATTI, L. E.. A interação entre visitantes e visitados, uma questão de educação: impactos sociais do turismo na

Colônia Witmarsum/Paraná. In: SEMINÁRIO ANPTUR, 8., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPTUR, 2016.

NITSCHKE, Leticia Bartoszeck. Aspectos do turismo rural: vertentes a partir da produção agrícola e da produção do turismo. In: GOMES, Bruno Martins Augusto; BAHL, Miguel (Orgs.). **Turismo e sociedade: aspectos teóricos**. São Paulo: All Print Editora, 2019. 200 p. Cap. 6. p. 113-132.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima. **Cooperação entre camponeses: Um estudo a partir dos Fundos Rotativos Solidários**. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2006.

OLIVEIRA, Nestor Braz de. **Cooperativismo: guia prático**. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1979. 280 p.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino Castillo. **Turismo: perspectiva crítica: textos reunidos**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. Cap. 1. p. 13-24.

PARANÁ COOPERATIVO. **Witmarsum: cooperativa comemora 60 anos**. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/HQnXT6>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

PATRUS, Roberto; DANTAS, Douglas Cabral; SHIGAKI, Helena Belintani. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares?. **Cadernos Ebape.br**, v. 13, n. 1, p.1-18, 2015.

PEARCE, Philip L. A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, William F. **Turismo Global**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 145-164.

PERC, Matjaž et al. Statistical physics of human cooperation. **Physics Reports**, v. 687, p.1-51, maio 2017.

PESSALI, Huáscar Fialho. **Nanoelementos da mesoeconomia: uma economia que não está nos manuais**. Curitiba: Editora UFPR, 2015. 144 p.

POZZATTI JUNIOR, Ademar. **Cooperação internacional como acesso à justiça nas relações internacionais: os desafios do direito brasileiro para a implementação de uma cultura cosmopolita**. 2015. 529 f. Tese (Doutorado em Direito), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

REMEDIO, José Antonio. Os direitos de solidariedade, o princípio da solidariedade, a solidariedade social e a filantropia como instrumentos de inclusão social. **Argumenta Journal Law**. Jacarezinho, p. 251-279. jan./jun. 2016.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSA, Wanderley Pereira da. Teologia Social e Política nos Anabatistas. **Estudos de Religião**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 127-142, 2016.

ROSCOCHE, Luiz Fernando. O anarquismo da Colônia Cecília: uma jornada do sonho a desilusão. **Revista de Geografia**, Recife, v. 28, n. 1, p.25-39, abr. 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. eBooksBrasil, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/2jnYbY>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

SAHR, Wolf-Dietrich; LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. Menonitas brasileiros às margens do mundo nacional: um estudo de geografia social e cultural. **Ra'e Ga**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 61-84, 2000.

SALÁRIO. **Turismólogo – salários e mercado de trabalho 2019**. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2NWjncd>>. Acesso em 10 nov 2019.

SALES, João Eder. Cooperativismo: origens e evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**, São Gotardo, v. 1, n. 1, p. 23-34, 2010.

SAMPAIO, Angelo Augusto Silva. **Metacontingência, dilema do prisioneiro e cooperação**: efeitos da interação verbal e da forma de apresentação da consequência cultural. 2016. 88 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. 357 p.

SIEMENS, Peter. **Menonitas: há mais de 80 anos no Brasil**. 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/EFWNKZ>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

SILVA, José Graziano da. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p.37-50, 2001.

SINGER, Paul. **Desafio à solidariedade**. In: GUIMARÃES, Gonçalo (Org.). Sindicalismo e cooperativismo: a economia solidária em debate - transformações no mundo do trabalho. São Paulo: Ed. Unitrabalho, 2001.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.

SISTEMA OCEPAR. **Witmarsum: Faturamento ultrapassa R\$ 100 milhões em 2015**. 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2Q5jYuT>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

SOARES, Joélcio Gonçalves. **Culturas de trabalho coletivo e de uso comum de recursos**: o desenvolvimento do turismo na comunidade etnoreligiosa de menonitas em Witmarsum no estado do Paraná. 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

SOARES, Joécio Gonçalves; SAHR, Cicilian Luiza. Ação coletiva, cooperativismo e turismo: Estudo de caso da Comunidade Menonita de Witmarsum (Paraná/Brasil). **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 14, n. 1, p.111-125, 2016.

SONTAG JUNIOR, Dalci. **Governo aberto e e-democracia no turismo**: uma análise em Curitiba, PR. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

TORRONTÉGUY, Marco Aurélio Antas. **O direito humano à saúde no direito internacional**: Efetivação por meio da cooperação sanitária. 2010. 355 f. Tese (Doutorado em Direito), Área de Concentração de Direitos Humanos, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TRIPADVISOR. **Colônia Witmarsum**. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2XIOo6V>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

TULIK, Olga. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de. **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. Cap. 1. p. 2-22.

VINUTO, J. A amostragem de bola de neve em pesquisa qualitativa: um debate aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WITMARSUM PR. **11) Imagem dos pontos turísticos**. 2008. Disponível em: <<https://witmarsumpr.blogspot.com/2008/11/11-imagem-dos-pontos-turísticos.html>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA EMPREENDEDORES

Entrevistador: Gabriel Vitor Carnio Teleginski

Entrevistado: _____

Empreendimento: _____

Data: ____/____/2019 **Horário de início:** ____:____ **Término:** ____:____

RESUMO

A presente pesquisa faz parte do Projeto de Planejamento e Gestão de Turismo do graduando Gabriel Vitor Carnio Teleginski, do curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná, intitulado Turismo rural e cooperação: o caso da Colônia Witmarsum.

Pretende-se, inicialmente, compreender qual a importância da cooperação na comunidade em questão. Ainda, entender até que ponto a cooperação contribuiu para a prosperidade da Colônia Witmarsum e, a partir disso, até onde esse sistema cooperativo está presente na atividade turística da Colônia. Por fim, confirmar o sucesso de Witmarsum no turismo rural, para que, posteriormente, o padrão de atuação possa ser teorizado, descrito e elencado em etapas para ser replicado em outros locais que praticam o turismo rural.

As perguntas estão estruturadas em três momentos: histórico do empreendedor; percepção sobre o turismo na Colônia Witmarsum e Cooperativa Witmarsum e o turismo.

As perguntas devem ser lidas exatamente como estão redigidas, não podendo utilizar abreviações ou sinônimos, não podendo também explicá-las.

HISTÓRICO DO EMPREENDEDOR

1. Você mora na Colônia Witmarsum?

1.1. Se SIM: Há quanto tempo? Quais as principais mudanças que você enxerga na Colônia Witmarsum desde então?

- 1.2. Se NÃO: Você já morou na Colônia? Se sim, por quanto tempo?
2. Quando surgiu a ideia do seu empreendimento?
3. Os funcionários que trabalham no seu empreendimento são moradores da Colônia?
4. Como a cultura e os costumes dos primeiros moradores europeus influencia no seu empreendimento?
5. Qual a influência desses costumes no turismo em Witmarsum?
6. Você acredita que os visitantes respeitam e entendem a cultura e a história da Colônia?

PERCEPÇÃO SOBRE O TURISMO NA COLÔNIA WITMARSUM

1. De maneira geral, como você enxerga o turismo na Colônia Witmarsum?
2. Você acredita que a cooperação entre os diferentes empreendimentos da Colônia contribui para o turismo no local de alguma forma?
3. Vocês, empreendedores de Witmarsum, costumam se reunir?
 - 3.1. Se SIM: Que tipo de ações vocês fazem juntos? Quais assuntos vocês costumam discutir?
4. A atividade turística é uma fonte de renda fundamental para a sobrevivência do seu negócio?
5. Atualmente, quais são os principais obstáculos que impedem que o turismo se desenvolva cada vez mais na Colônia?
6. Quais as ações você acredita que podem ser realizadas para aumentar o número de turistas na região?

7. Quais são os problemas que você acredita que o turismo traz para Witmarsum?

8. Você já teve algum problema em seu estabelecimento decorrente do turismo no local?

COOPERATIVA WITMARSUM E O TURISMO

1. Como funciona a Cooperativa Witmarsum?

2. Qual a relevância da Cooperativa para o seu negócio?

3. Você acredita que no contexto atual o turismo é crucial para a Cooperativa Witmarsum?

4. A Cooperativa desenvolve atividades visando uma conscientização a respeito da atividade turística na colônia?

5. A Cooperativa incentiva e propaga a cooperação entre os diferentes estabelecimentos?

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA GESTOR

Entrevistador: Gabriel Vitor Carnio Teleginski

Entrevistado: _____

Empreendimento: _____

Data: ____/____/2019 **Horário de início:** ____:____ **Término:** ____:____

RESUMO

A presente pesquisa faz parte do Projeto de Planejamento e Gestão de Turismo do graduando Gabriel Vitor Carnio Teleginski, do curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná, intitulado Turismo rural e cooperação: o caso da Colônia Witmarsum.

Pretende-se, inicialmente, compreender qual a importância da cooperação na comunidade em questão. Ainda, entender até que ponto a cooperação contribuiu para a prosperidade da Colônia Witmarsum e, a partir disso, até onde esse sistema cooperativo está presente na atividade turística da Colônia. Por fim, confirmar o sucesso de Witmarsum no turismo rural, para que, posteriormente, o padrão de atuação possa ser teorizado, descrito e elencado em etapas para ser replicado em outros locais que praticam o turismo rural.

As perguntas estão estruturadas em três momentos: histórico do gestor; percepção sobre o turismo na Colônia Witmarsum e Cooperativa Witmarsum e o turismo.

As perguntas devem ser lidas exatamente como estão redigidas, não podendo utilizar abreviações ou sinônimos, não podendo também explicá-las.

HISTÓRICO DO GESTOR

1. Você mora na Colônia Witmarsum?

1.1. Se SIM: Há quanto tempo? Quais as principais mudanças que você enxerga na Colônia Witmarsum desde então?

1.2. Se NÃO: Você já morou na Colônia? Se sim, por quanto tempo?

2. Quando surgiu a ideia do empreendimento que você administra?
3. Os funcionários que trabalham nesse empreendimento são moradores da Colônia?
4. Como a cultura e os costumes dos primeiros moradores europeus influencia no empreendimento?
5. Qual a influência desses costumes no turismo em Witmarsum?
6. Você acredita que os visitantes respeitam e entendem a cultura e a história da Colônia?

PERCEPÇÃO SOBRE O TURISMO NA COLÔNIA WITMARSUM

1. De maneira geral, como você enxerga o turismo na Colônia Witmarsum?
2. Você acredita que a cooperação entre os diferentes empreendimentos da Colônia contribui para o turismo no local de alguma forma?
3. Os empreendedores e gestores de Witmarsum costumam se reunir?
 - 3.1. Se SIM: Que tipo de ações fazem juntos? Quais assuntos costumam discutir?
4. A atividade turística é uma fonte de renda fundamental para a sobrevivência do empreendimento que você administra?
5. Atualmente, quais são os principais obstáculos que impedem que o turismo se desenvolva cada vez mais na Colônia?
6. Quais as ações você acredita que podem ser realizadas para aumentar o número de turistas na região?
7. Quais são os problemas que você acredita que o turismo traz para Witmarsum?

8. Você já teve algum problema no empreendimento que você trabalha decorrente do turismo no local?

COOPERATIVA WITMARSUM E O TURISMO

1. Como funciona a Cooperativa Witmarsum?
2. Qual a relevância da Cooperativa para os mais diversos empreendimentos de Witmarsum?
3. No contexto atual, o turismo é fundamental para a Cooperativa Witmarsum?
4. A Cooperativa desenvolve atividades visando uma conscientização a respeito da atividade turística na colônia?
5. A Cooperativa incentiva e propaga a cooperação entre os diferentes estabelecimentos?